

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO

**No campo da desigualdade de gênero:
repórteres femininas na cobertura do Jornalismo Esportivo**

Ana Flávia de Paula Domingos

Monografia

Mariana

2024

Ana Flávia de Paula Domingos

**No campo da desigualdade de gênero:
repórteres femininas na cobertura do Jornalismo Esportivo**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares

Mariana

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D671n Domingos, Ana Flavia de Paula.

No campo da desigualdade de gênero [manuscrito]: repórteres femininas na cobertura do Jornalismo Esportivo. / Ana Flavia de Paula Domingos. - 2024.

76 f.

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Machismo. 2. Jornalismo esportivo. 3. Sexismo. I. Tavares, Frederico de Mello Brandão. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070:796

Bibliotecário(a) Responsável: Luciana Matias Felicio Soares - SIAPE: 1.648.092



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Flávia de Paula Domingos

**No campo da desigualdade de gênero:
repórteres femininas na cobertura do Jornalismo Esportivo**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2024.

Membros da banca

Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares (Orientador) - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Hila Bernadete Silva Rodrigues - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração - Universidade Federal de Ouro Preto

Frederico de Mello Brandão Tavares, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30/07/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Frederico de Mello Brandao Tavares, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/07/2024, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0748820** e o código CRC **D34BD866**.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus pela oportunidade de vivenciar um sonho e me dar paciência e discernimento para passar por todos os obstáculos durante a Graduação.

À minha família, em especial aos meus pais Cacilda e José Donizete, e meu irmão Anderson, pelo apoio, incentivo e compreensão ao longo dessa jornada. O amor e apoio de vocês foram essenciais para que eu pudesse alcançar este objetivo.

Aos amigos e colegas de curso que fiz durante a Graduação, pelo companheirismo, troca de ideias e momentos compartilhados ao longo dessa trajetória acadêmica.

Minha gratidão ao meu orientador, Frederico Tavares, pela orientação, dedicação, paciência e valiosas sugestões ao longo deste processo. Seu apoio foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para este trabalho, mesmo que indiretamente. O apoio e incentivo foram essenciais para a conclusão desta pesquisa.

Talvez não haja área do jornalismo tão sujeita a intempéries quanto a cobertura de esportes. O profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que a consideram uma editoria menos importante, e também do público, que costumava tratar o comentarista ou repórter esportivo com mero palpiteiro.

Paulo Vinícius Coelho

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo a análise do machismo nos bastidores do jornalismo esportivo. Para isso, o trabalho baseia-se em referências bibliográficas sobre machismo, desigualdade de gênero e jornalismo esportivo. A questão principal analisada tem como objeto entrevistas com três mulheres jornalistas que trabalham com jornalismo esportivo. A partir da análise das entrevistas, foi possível a identificação das experiências vivenciadas pelas jornalistas, compreendendo e problematizando, a persistência do machismo no jornalismo esportivo. Desses resultados, é notória a necessidade de políticas de equidade de gênero neste meio. Esta monografia busca contribuir para a conscientização sobre os desafios enfrentados pelas profissionais no meio esportivo e para a busca por soluções que promovam um ambiente de trabalho mais inclusivo e igualitário.

Palavras-chave: machismo; jornalismo esportivo; desigualdade de gênero.

ABSTRACT

The aim of this monograph is to analyze male chauvinist behind the scenes in sports journalism. The work is based on bibliographical references on male chauvinist, gender inequality and sports journalism. The main issue analyzed is interviews with three women journalists who work in sports journalism. From the analysis of the interviews, it was possible to identify the experiences of the journalists, understanding and problematizing the persistence of male chauvinist in sports journalism. From these results, it is clear that there is a need for gender equity policies in this medium. This monograph seeks to contribute to raising awareness of the challenges faced by female professionals in the sports world and to the search for solutions that promote a more inclusive and equal working environment.

Keywords: male chauvinist; sports journalism; gender inequality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 01 – Machismo e Patriarcado	17
1.1. Masculinidade hegemônica.....	22
1.2. Androcentrismo: impactos na equidade de gênero	23
CAPÍTULO 02 – Gênero e Desigualdade no Mercado de Trabalho	27
2.1. Desafios da Mulher no Mundo Profissional	29
2.2. Interseccionalidade e Jornalismo Esportivo.....	34
CAPÍTULO 03 – Mulheres e jornalismo esportivo	41
3.1. A questão de gênero no jornalismo esportivo.....	43
3.2. Desigualdades: Gênero, Raça e Machismo.....	46
CAPÍTULO 04 - Desigualdade de gênero no jornalismo esportivo.....	53
4.1. Jordana Araújo	53
4.2. Kelen Almeida	54
4.3. Duda Gonçalves	55
4.4. O machismo que se repete	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
ANEXOS.....	74
Roteiro de perguntas para Jordana Araújo.....	74
Roteiro de perguntas para Kelen Almeida	75
Roteiro de perguntas para Duda Gonçalves.....	76

INTRODUÇÃO

O jornalismo, tal como o conhecemos hoje, é uma atividade informativa que emergiu no século XIX através dos meios de comunicação, desempenhando um papel indispensável. Ele contribui para o acesso à informação, o debate público, a formação de opinião e a participação cidadã. Ao fornecer informações confiáveis e relevantes, os jornalistas desempenham um papel crucial na construção de uma sociedade informada e democrática. Ao observarmos as diversas áreas abrangidas por essa prática, percebemos que cada nicho possui um público específico que consome seus conteúdos.

Um desses nichos é o jornalismo esportivo, uma área de grande relevância, presente tanto nas mídias tradicionais quanto nas plataformas digitais, atingindo um público vasto e apaixonado por esportes. Essa área se concentra na cobertura de eventos esportivos, atletas, times, competições e todas as notícias relacionadas ao mundo esportivo. Ele busca informar e entreter o público, proporcionando informações detalhadas, análises, entrevistas e comentários sobre os mais variados esportes.

Apesar de abranger uma grande diversidade entre suas formas de cobertura, ao longo dos anos, o jornalismo esportivo tem sido caracterizado por desigualdades de gênero e outras características sociais, com uma presença majoritária de homens em sua cobertura e produção.

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o operava. A mulher podia ser telefonista, faxineira ou servia para fazer o café: circulava na área de serviço (RIBEIRO, 1998, p. 31).

A desigualdade de gênero neste meio refere-se às diferenças de tratamento, oportunidades, expectativas e condições de vida entre homens e mulheres, que são socialmente construídas e reforçadas ao longo do tempo. Essas desigualdades são baseadas em normas, estereótipos e papéis de gênero tradicionais que atribuem diferentes funções, comportamentos e responsabilidades com base no sexo.

Algumas formas comuns de desigualdade de gênero incluem: desigualdade de oportunidades em que muitas vezes têm menos acesso a oportunidades educacionais, econômicas e de liderança em comparação com homens. Isso pode levar a disparidades em carreiras profissionais, salários e representação política; divisão desigual do trabalho em que nas sociedades, as mulheres são sobrecarregadas com responsabilidades domésticas e cuidados familiares, enquanto os homens são incentivados a se concentrar mais em suas carreiras. Essa

divisão desigual do trabalho pode dificultar o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal das mulheres; estereótipos de gênero, em que as expectativas culturais e sociais em relação a comportamentos, habilidades e interesses considerados apropriados para cada gênero podem limitar as escolhas e aspirações das pessoas.

Por exemplo, estereótipos que associam habilidades técnicas e liderança apenas aos homens podem prejudicar o avanço das mulheres em áreas profissionais consideradas "masculinas"; violência de gênero, no qual as mulheres são frequentemente mais vulneráveis à violência física, sexual e emocional, devido a relações de poder desiguais e normas culturais que toleram ou perpetuam a violência contra as mulheres; desigualdade nos direitos reprodutivos, com a falta de acesso a serviços de saúde reprodutiva, educação sexual e planejamento familiar pode limitar o controle que as mulheres têm sobre suas próprias decisões reprodutivas e sub-representação nas esferas de decisão, com a participação política e a representação de mulheres em posições de liderança e tomada de decisão são frequentemente inferiores às dos homens, o que pode levar a políticas e legislações que não refletem plenamente as necessidades e interesses das mulheres.

Além dessas características de desigualdade, a ausência de mulheres nessa esfera profissional é reflexo de estruturas sociais mais amplas, que perpetuam a masculinidade hegemônica e o androcentrismo presentes em nossa sociedade, descredibilizado e não tendo o mesmo valor que o dos homens, inclusive no que tange às instituições das classes trabalhadoras e suas lutas sindicais.

Sexo é um desses atributos, talvez mesmo um dos mais importantes, mas não porque homens e mulheres sejam por “natureza” mais capazes, ou ao contrário, menos capazes para determinados tipos de trabalho, apenas por causa do seu sexo. Essa é uma noção bastante difundida e que, à primeira vista, parece ter fundamento. Mas só porque nossa sociedade nos percebe como seres diferentes, nos socializa de acordo com as noções e valores vigentes para cada sexo e, assim, acaba por nos fazer pensar e agir como se fôssemos, de fato, seres essencialmente diferentes, com capacidades, habilidades e temperamentos específicos ao nosso sexo (SARDENBERG, 2004, p. 29).

Na fala de Sardenberg, fica evidente a discrepância do tratamento entre o feminino e o masculino. A partir disso, tem-se o machismo, que é um conjunto de crenças, atitudes e práticas que colocam o gênero masculino em uma posição de superioridade em relação ao gênero feminino. Ele se manifesta de diversas formas na sociedade e pode ter impactos negativos na vida das mulheres, reforçando estereótipos, discriminando e limitando suas oportunidades e direitos.

Quando falamos de machismo no jornalismo esportivo, nos referimos às práticas e comportamentos discriminatórios e sexistas presentes nessa área específica. Alguns exemplos de como o machismo se manifesta no jornalismo esportivo incluem: desigualdade de cobertura, em que os esportes masculinos recebem muito mais cobertura do que os esportes femininos, resultando em menos visibilidade e reconhecimento para as atletas mulheres; linguagem sexista, que tem uso de linguagem sexista, como diminutivos e adjetivos relacionados ao gênero, pode reforçar estereótipos e desvalorizar o desempenho das atletas mulheres; estereotipação, em que as mulheres podem ser retratadas de forma estereotipada, enfatizando sua aparência física ou características consideradas “femininas”, em detrimento de suas habilidades e conquistas esportivas; sub-representação de mulheres jornalistas, especialmente em posições de destaque e liderança, contribuindo para uma perspectiva predominantemente masculina na cobertura esportiva; viés na abordagem, em que a abordagem na cobertura esportiva pode ser enviesada, favorecendo ou valorizando mais o desempenho de atletas homens em comparação com as atletas mulheres e comentários e atitudes sexistas e atitudes preconceituosas em relação às mulheres atletas são recorrentes, tanto por parte de jornalistas quanto de comentaristas esportivos.

Desta forma, e explanando alguns temas, este trabalho tem como objetivo abordar sobre as dinâmicas de gênero e o machismo no mercado de trabalho do jornalismo esportivo, enfatizando o papel da mulher e sua inserção nesse contexto profissional, principalmente nos bastidores da notícia. A presença feminina nessa área é marcada por esses obstáculos que vão desde o acesso à formação acadêmica até a conquista de espaços de atuação e visibilidade.

Abordar os bastidores da notícia, permite uma análise sobre questões por trás da cobertura esportiva, explorando as dinâmicas internas das redações esportivas, as decisões editoriais, as escolhas de pauta, as práticas jornalísticas e as relações de poder que podem influenciar a forma como o esporte é abordado na mídia. Partindo desse pressuposto, a relação com a igualdade de gênero surge porque, ao analisar os bastidores da notícia no jornalismo esportivo é possível identificar como o machismo e a desigualdade de gênero podem estar presentes nesse ambiente.

Ao escolher essa abordagem, será possível contribuir para a reflexão sobre a importância da igualdade de gênero no jornalismo esportivo, apontando possíveis melhorias e práticas que podem ser implementadas para promover uma cobertura mais justa e inclusiva. A partir dessa análise dos bastidores, será possível compreender melhor como as decisões editoriais e o ambiente de trabalho podem influenciar a forma como o jornalismo esportivo reflete e molda as questões de gênero na sociedade.

Esse trabalho justifica-se pela visibilidade do problema, haja vista que o jornalismo esportivo é uma área de grande influência e alcance e, ao abordar o machismo presente nesse campo, conseguimos dar visibilidade a um problema que muitas vezes é negligenciado ou minimizado. Para além disso, conscientizamos as pessoas sobre as desigualdades de gênero que ocorrem nesse ambiente e sensibilizamos a sociedade e os meios de comunicação sobre a necessidade de mudanças e igualdade.

A abordagem será de grande valor, que servirá como uma reflexão. O que, a longo prazo, colabora com a naturalização das mulheres em bastidores, coberturas e apresentações no meio. O objetivo é analisar a inclusão da mulher no jornalismo esportivo, a relevância da participação feminina dentro desta editoria e, como foco central, problematizar os bastidores da notícia, com a participação das mulheres na cobertura do jornalismo esportivo — que traz consigo os estereótipos sexistas da mulher, que estão ligados à sexualidade e conhecimento na área.

Portanto, o presente trabalho se propõe a explorar como esse elemento, o machismo no jornalismo esportivo, afeta a representação e as oportunidades das mulheres no meio jornalístico. Acredita-se que a compreensão dessas questões é essencial para o fortalecimento da diversidade e a promoção de um jornalismo esportivo mais inclusivo e representativo ao redor do mundo.

O objeto da presente pesquisa será direcionado à análise de entrevistas conduzidas junto a três profissionais de jornalismo especializadas em cobertura esportiva, representando vários nichos midiáticos. As jornalistas entrevistadas foram: Jordana Araújo, Kelen Almeida e Duda Gonçalves, respectivamente.

Jordana Araújo tem 30 anos¹. Atuou por quase dois anos na *Band News FM* comentando jogos. Ela também realizou trabalhos para a Federação Paulista de Futebol e para a *Conmebol*. Atualmente a profissional desempenha o papel de comentarista dos jogos de futebol da *Rede Globo*. A escolha por Jordana foi através de um amigo que já conhecia o trabalho da jornalista e fez a indicação. O processo para entrevista ocorreu pelo contato por meio de redes sociais digitais, especificamente o *Instagram*, por intermédio de uma mensagem via “direct”.

Duda Gonçalves tem 24 anos e, apesar de jovem, começou a desempenhar papéis no meio do jornalismo esportivo desde a Graduação, passando pelo setor de comunicação do *Clube Atlético Mineiro*. Atualmente, ela trabalha na *ESPN Brasil* como repórter. A escolha de Duda aconteceu pois eu já conhecia o trabalho dela e gostava bastante. Assim como Jordana, o contato com ela aconteceu pelo “direct” do *Instagram*.

¹ Todas as idades referem-se à faixa etária das jornalistas no momento das entrevistas.

Kelen Almeida tem 48 anos e possui uma carreira bem vasta no jornalismo esportivo. Ela possui 23 anos de experiência, sendo todos eles no jornal *Estado de Minas*, tomando frente dos cadernos de esporte do jornal. A escolha de Kelen foi por indicação do Frederico, meu professor orientador. Através dele, entrei em contato com Kelen por meio do *Whatsapp*.

O processo de entrevista com as jornalistas aconteceu entre os meses de outubro e novembro de 2023, por meio da Plataforma *Google Meet*. As entrevistas foram gravadas com consentimento das profissionais, com duração de mais ou menos uma hora cada. A elaboração das perguntas foi realizada com base no tema em questão, considerando singularidades de cada jornalista. Os roteiros estão agrupados em anexos presentes no final desta monografia.

Esta monografia está estruturada em quatro capítulos. O primeiro aborda o machismo e o patriarcado, e como uma condição biológica afeta as mulheres neste contexto. Como embasamento, trabalhamos as noções de masculinidade hegemônica e androcentrismo, que colocam os homens como dominantes — e o foco em relação às mulheres na sociedade, com a imposição de normas e valores associados à masculinidade tradicional, desvalorizando características consideradas "femininas", bem como reforçando a ideia de superioridade do homem sobre a mulher.

O segundo capítulo analisa as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, com foco nas questões de gênero. Além disso, são exploradas as interseções entre gênero, raça e machismo, evidenciando como esses fatores se entrelaçam para criar desigualdades sistêmicas.

No terceiro capítulo, o foco recai sobre o jornalismo esportivo no mundo, com seu surgimento; a chegada do jornalismo esportivo no Brasil e como foi se inserindo na sociedade. Especial atenção é dada à presença das mulheres nesse meio e aos desafios que enfrentam devido às desigualdades de gênero.

O quarto capítulo traz a análise. É traçado o perfil das jornalistas entrevistadas, seguindo pelo cruzamento das informações coletadas nas entrevistas, destacando como o machismo está presente na vida das profissionais e a análise desses depoimentos.

A entrevista é uma ferramenta essencial para a compreensão aprofundada do fenômeno em questão, permitindo uma imersão nas experiências, percepções e narrativas dos profissionais envolvidos. Conforme salientado por Longuinho (2014), a entrevista pode ser caracterizada como

[...] uma técnica de pesquisa, é utilizada em várias áreas do conhecimento, principalmente nas Ciências Sociais, tendo em sua concepção questionamentos sobre uma realidade dada, operando com a problematização

dos diversos objetos de conhecimento, para trazer à tona fatos e pontos de vista que antes eram desconhecidos (LONGUINHO, 2014, p.14).

A forma de entrevistar engloba várias facetas, no que concerne a forma como ela é feita, como ela pode atingir seus entrevistados e, respectivamente, os resultados adquiridos através da entrevista. Conforme apontado por Rouchou (2003), “as entrevistas em História Oral podem ser múltiplas ou únicas. Esse procedimento vai depender do tipo de projeto a ser desenvolvido. O importante é que essas falas tenham consistência, que haja espontaneidade” (p. 3). Dessa forma, ela é guiada pela necessidade de captar, de maneira aprofundada e sensível, às narrativas e experiências que moldam a dinâmica no caso analisado em questão.

Através dessas pontuações, as entrevistas realizadas com as jornalistas para este estudo partem de um foco principal: o machismo no jornalismo esportivo, especialmente no que concerne às questões de gênero. Além de se revelar como um caminho para acessar as vozes das jornalistas, a entrevista é uma ponte para explorar a multiplicidade de experiências e perspectivas que compõem esse cenário.

As entrevistas proporcionam um *insight* valioso, permitindo uma compreensão mais rica e contextualizada do machismo presente nesse cenário específico. Ao adotar a entrevista como objeto central, este estudo busca iluminar as sombras do machismo no jornalismo esportivo, contribuindo para o diálogo e promovendo uma reflexão crítica sobre as dinâmicas de gênero nesse cenário tão influente.

Abordar a análise de uma entrevista como objeto para identificar a desigualdade e o machismo no jornalismo esportivo é importante por diversas razões. Uma delas é a contextualização concreta: a análise de uma entrevista específica fornece um exemplo concreto e tangível de como o machismo e a desigualdade de gênero podem estar presentes na prática jornalística. Isso torna os problemas mais visíveis e compreensíveis para o público leitor. Outra razão é que por meio dela é possível ilustrar como conceitos teóricos, como machismo, estereótipos de gênero e desigualdade, se manifestam na prática jornalística do mundo real. Além disso, pode-se identificar problemas específicos que precisam ser abordados, como perguntas sexistas, estereótipos prejudiciais ou viés de gênero nas abordagens das entrevistas; e também contribuir para a conscientização e a promoção de mudanças no jornalismo esportivo.

Essas abordagens podem inspirar a busca por práticas mais igualitárias e inclusivas e ser um ponto de partida para mudanças reais nas práticas jornalísticas. Identificar problemas concretos é o primeiro passo para implementar políticas e práticas mais igualitárias. Ao escolher a análise de uma entrevista como objeto para o TCC, é possível trazer uma abordagem concreta

e impactante, o que pode enriquecer significativamente o trabalho e contribuir para o debate sobre igualdade de gênero e machismo no jornalismo esportivo.

CAPÍTULO 01 – Machismo e Patriarcado

O machismo é uma forma de discriminação ou preconceito baseada no gênero, que favorece o tratamento desigual entre homens e mulheres. Esse machismo estrutural alude a padrões enraizados na sociedade que prolongam a desigualdade de gênero, atribuindo regalias aos homens e desvantagem a mulheres. Essa forma de discriminação está enraizada em instituições, normas culturais e práticas que favorecem tradicionalmente os homens, contribuindo para a manutenção de hierarquias de gênero prejudiciais, permeando em várias esferas da vida, desde o ambiente doméstico até o mercado de trabalho, impactando negativamente as oportunidades e o status das mulheres.

O machismo é implícito e a mulher é considerada figura de domínio do homem, tendo que se comportar como tal. Não pode sair e comportar-se de forma promiscua, os homens podem, pois são homens, e as mulheres são criaturas que devem se dar ao respeito, ou não vão conseguir arrumar um namorado, noivo, marido que as queiram. Homens, podem agir de qualquer modo, não serão julgados, não ficarão “falados” por determinado comportamento (CARDOSO et al., 2023, p. 208).

Este mecanismo contribui para a manutenção de desigualdades de gênero e normas que reforçam estereótipos prejudiciais. Ligadas diretamente ao patriarcado e ao sistema social, em que o poder é predominantemente detido por homens, as estruturas sociais e as instituições favorecem sua autoridade em relação às mulheres manifestando a masculinidade hegemônica.

O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos (DRUMONT, 1980, p. 82).

Minayo (2005), descreve o machismo como o masculino sendo o lugar de chefia, seja com a família ou em outros locais da sociedade:

A concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o “impensado” e o “naturalizado” dos valores tradicionais de gênero (MINAYO, 2005, p. 24).

Esse sistema historicamente atribuiu aos homens papéis de liderança e controle, enquanto subjuga as mulheres a posições subalternas. Influenciando não apenas as dinâmicas familiares, mas também instituições governamentais, religiosas e econômicas, perpetuando

desigualdades de gênero e normas que reforçam a supremacia masculina. É o que Ponciano (2022) retrata:

O patriarcado, portanto, é a forma de organização social que sustenta a ordem de privilégios masculinos, dentre os quais está a transformação da vida das mulheres em “escavidão”, ou seja, a reificação da vida humana cujo destino vivencial seja atrelado à satisfação dos desejos dos homens (PONCIANO, 2022, p. 167).

Em conformidade com o autor, Cardoso et al. (2023) descrevem o que difere os homens e as mulheres, no que se refere a desigualdade:

É notório a desigualdade por sexo, quando falamos no mercado de trabalho, por exemplo, o quão é mais fácil para um homem conseguir um emprego, independentemente de seu estado civil. Enquanto para uma mulher, superficialmente falando, só o fato de ter filhos, por exemplo, já se torna um empecilho para conseguir uma vaga (CARDOSO et al., 2023, p. 211).

Como conjunto de atitudes que perpetuam a ideia da superioridade masculina frente ao feminino e a submissão como característica do sexo feminino, o machismo está intrinsecamente ligado a misoginia, que se refere ao desprezo ou aversão às mulheres.

Qualquer estrutura, seja ela cultural, política ou social, que esteja alicerçada em pressupostos essencialistas, baseadas em certas predisposições naturais e que classificam hierarquicamente os homens em uma posição superior em relação à mulher, com base na genitália, pode ser tida como misógina (PONCIANO, 2022, p. 166).

De acordo com o autor, a partir do momento em que um comportamento feminino é censurado por uma cultura machista, algumas pessoas optam por expressar sua desaprovação por meio de ataques verbais e, em alguns casos, recorrem à violência física devido à recusa em aceitar atitudes consideradas inaceitáveis para mulheres. Essa interligação entre machismo e misoginia evidencia-se nas diversas formas de discriminação e desigualdade de gênero presentes em diferentes aspectos da sociedade. A misoginia implícita ao machismo se evidencia não apenas em atitudes individuais, mas também em sistemas sociais que ao longo do tempo têm posto de lado às mulheres a papeis de sujeição.

Quando abordamos o machismo, deparamo-nos com as inúmeras maneiras pelas quais esse preconceito se manifesta de maneira arraigada em nossa sociedade. A desigualdade de oportunidades, por exemplo, está entrelaçada com o machismo, perpetuando visões antiquadas sobre as capacidades e papeis de homens e mulheres na sociedade. Em *A Dominação Masculina*, Bourdieu retrata sobre a distribuição desigual:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do

trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres [...] (BOURDIEU, 2002, p.18).

Essa disparidade não se limita apenas à falta de representação em determinadas profissões, mas também se manifesta em salários desiguais, acesso limitado a posições de liderança e em barreiras sistêmicas que impedem o pleno desenvolvimento profissional das mulheres. Todo esse processo enraizado na sociedade potencializa o sistema patriarcal. Abramo (2004) evidencia a disparidade da oportunidade de se ingressar em uma sociedade, no que se diz respeito a raça:

As desigualdades e as discriminações de gênero e raça são duas formas fundamentais de discriminação que cruzam a sociedade e o mundo do trabalho no Brasil. São dois tipos de discriminação que não apenas se superpõem, mas se inter cruzam e se potencializam. A situação da mulher negra evidencia essa dupla discriminação (ABRAMO, 2004, p. 17-18).

Aspectos relevantes que influenciam nas tomadas de decisões das minorias da sociedade brasileira incluem a disparidade no acesso e na representação de diferentes grupos em instâncias onde as decisões são moldadas e implementadas.

Essa desigualdade incide na não-inclusão dos interesses das mulheres e dos negros nas agendas de políticas públicas. Em razão disso, as políticas de combate à pobreza, de geração de emprego, ou de qualquer outra área das políticas públicas (educação, saúde, habitação etc.) não refletem adequadamente as necessidades e direitos de mulheres e negros, e as políticas aparentemente “neutras” em relação ao gênero e à raça tendem a reproduzir as desigualdades existentes entre mulheres e homens, negros e brancos (ABRAMO, 2004, p. 20).

A desigualdade de oportunidades necessita de combate por parte de políticas públicas e governamentais que provoque a equidade e inclusão de minorias, refletindo assim na justiça social e igualdade de gêneros.

Ao atribuir as características de homens e mulheres com base no gênero, na maioria das vezes a expectativa tradicional é reforçada, sendo impossível a utilização da liberdade individual. Isso se caracteriza como estereótipos de gênero, sendo “[...] o conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam estas crenças individuais ou partilhadas” (AMORIM, 1997, p. 122). Essas expectativas baseadas no gênero podem ser restritivas e muitas vezes não refletem a diversidade e individualidade dos indivíduos.

No contexto do machismo, os estereótipos de gênero frequentemente favorecem características e comportamentos associados à masculinidade, enquanto desvalorizam ou limitam as opções e capacidades das mulheres, associando comportamentos específicos a elas.

Esses estereótipos contribuem para a criação de uma hierarquia de gênero, onde “[...] há normalidades comportamentais que a sociedade espera serem cumpridas por diferentes categorias de sexo, os indivíduos são rotulados e influenciados a se familiarizarem e se adaptarem a agir de tal forma e não de outra” (DUARTE; SPINELLI, 2019, p. 130).

Por exemplo, estereótipos associam a força, assertividade e independência aos homens; enquanto atribuem às mulheres características como fragilidade, submissão e responsabilidades domésticas, reforçando padrões machistas. Essas expectativas podem influenciar a forma como as pessoas são tratadas em diversas áreas da vida, incluindo no trabalho, na educação e nas relações interpessoais. Segundo Duarte e Spinelli (2019, p. 130),

Os estereótipos caracterizam homens e mulheres por categorias diferentes, a mulher é entendida como “sexo frágil”: dócil, passiva, cordata, influenciável, intuitiva, cuidadosa, entre outros, socializada para ser vítima e submissa ao homem. Enquanto o homem é identificado como “sexo forte”: agressivo, líder, corajoso, racional, inflexível, promíscuo, entre outros.

Assim, o machismo é utilizado e alimentado pelos estereótipos de gênero para justificar e perpetuar desigualdades, limitando a liberdade e a igualdade de oportunidades com base no gênero. Desafiar e combater os estereótipos de gênero é crucial para promover a igualdade, permitindo que as pessoas escolham seus caminhos e identidades de maneira autêntica, sem serem limitadas por expectativas pré-definidas com base no gênero.

Para desmantelar os estereótipos sociais, é preciso partir da desconstrução com base em sua própria natureza, para assim pensarmos nos reais danos que eles causam as vítimas, levando em conta as formas, contextos e meios em que são perpetuados, para que, desse modo, possamos nomeá-los (DUARTE; SPINELLI, 2019, p. 130).

Fundamentado em uma estrutura de poder em relação às mulheres, o machismo está ligado, mesmo que intrinsecamente, com a objetificação da mulher. Essa objetificação do corpo feminino refere-se ao tratamento das mulheres como objetos ou mercadorias, principalmente com foco em suas características físicas e sexuais, em detrimento de sua individualidade, intelecto e dignidade. Esse fenômeno está intrinsecamente ligado a normas culturais, sociais e econômicas que perpetuam a ideia de que o valor das mulheres está primariamente associado à sua aparência. A objetificação pode ter sérias implicações, perpetuando estereótipos prejudiciais, alimentando o machismo e contribuindo para a desigualdade de gênero.

Na objetificação, as mulheres são reduzidas a partes do corpo, tornando-se objetos de desejo sexual sem consideração por sua autonomia, emoções ou habilidades. Isso pode ocorrer em diversas formas, desde representações na mídia e publicidade que destacam partes do corpo feminino de maneira sexualizada.

Atualmente, por mais que as mulheres logrem mais independência e igualdade, a cultura machista e conservadora sobrevive. Isso pode ser verificado, por exemplo, em anúncios publicitários que, ao longo dos anos, colocam a mulher como objeto de consumo e denotam um espírito de submissão ao sexo masculino. Esta objetificação está relacionada, principalmente, ao corpo da mulher e a sua função sexual, enquanto objeto de prazer masculino (VIDI; TEIXEIRA, 2002, p. 2).

Quando as mulheres são objetificadas, tratadas como objetos de desejo sexual e reduzidas a sua aparência física, isso contribui para a desvalorização de suas vidas e a legitimação da violência contra elas. A falta de respeito pela autonomia e dignidade das mulheres pode evoluir para formas mais extremas de agressão, como o feminicídio, que tem como princípios básicos

[...] traços culturais de dominação e desigualdade traçados ao longo da história e reforçados por uma cultura sexista em que as mulheres são vistas como vulneráveis, inferiores e como um objeto, retirando delas o caráter humanizador e reforçando a “permissão” para que sejam violentadas de alguma forma (CARVALHO et.al, 2020, p.122 e 123).

A objetificação do corpo feminino contribui para a perpetuação de desigualdades de gênero, reforçando estereótipos prejudiciais e limitando as oportunidades das mulheres em diversas esferas da vida. Combater esse fenômeno envolve a promoção da igualdade de gênero, mas “[...] mesmo com esses movimentos e direitos adquiridos, a sociedade está enraizada em um sistema patriarcal e machista, onde a mulher é vista como mero objeto de propriedade do homem e que, por este motivo, a ele deve servir” (VIDI; TEIXEIRA, 2002, p.2).

Contrapor o machismo envolve a conscientização, educação, promoção da igualdade de gênero e a desconstrução de estereótipos prejudiciais. “Ao apropriar-se da realidade sexual, o machismo, em seu efeito de mistificação, supercodifica a representação de uma relação de poder (papéis sexuais, símbolos, imagens e representações eróticas instituições sexuais, etc.) produzindo “duas linguagens”: uma masculina e uma feminina” (DRUMONT, 1980, p. 82).

Cardoso et. al. (2023) ressaltam a influência do patriarcado e do machismo nas percepções individuais, moldando a forma como as pessoas enxergam o mundo ao seu redor. Essa dinâmica complexa impacta não apenas as relações interpessoais, mas também contribui para a manutenção de estruturas de poder desiguais.

A busca por sociedades mais justas e igualitárias requer o engajamento de todos na desconstrução de normas de gênero prejudiciais e na promoção de relações respeitadas e equitativas entre todos os gêneros. Ao quebrar essas barreiras, o que também é decorrente da masculinidade hegemônica, é possível promover a equidade e, conseqüentemente, um ambiente inclusivo para todos.

1.1. Masculinidade hegemônica

A masculinidade hegemônica, conceito proposto por Connell (1995), representa o padrão culturalmente dominante de masculinidade em uma determinada sociedade ou contexto, sendo tipicamente associada ao poder, à dominação e ao controle, e muitas vezes se contrapõe a características e comportamentos considerados femininos.

O conceito varia de acordo com o contexto cultural e histórico, mas geralmente inclui traços como agressividade, competitividade, assertividade, autonomia, racionalidade e força física. Essas características são valorizadas e recompensadas socialmente, enquanto características consideradas mais "femininas", como sensibilidade emocional, cuidado, expressão de vulnerabilidade e cooperação, podem ser desvalorizadas ou até mesmo estigmatizadas.

A masculinidade hegemônica pode ter consequências negativas tanto para homens quanto para mulheres. Para os homens, a pressão para se conformar aos padrões de masculinidade hegemônica pode ser opressora e limitadora, restringindo sua expressão emocional e restringindo suas opções de vida. Para as mulheres, a masculinidade hegemônica pode perpetuar a desigualdade de gênero, a violência de gênero e a opressão, uma vez que os padrões de masculinidade hegemônica frequentemente se sobrepõem à dominação masculina na sociedade.

É importante ressaltar que a masculinidade hegemônica não é inerente aos homens ou à masculinidade como um todo. Ela é um sistema social e cultural construído e moldado por normas e expectativas sociais.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

No âmbito do jornalismo esportivo, a presença e perpetuação da masculinidade hegemônica podem influenciar profundamente a forma como as notícias são produzidas, narradas e consumidas, afetando a representação de gênero nesse campo profissional. Essa crítica enfatiza a importância de reconhecer e valorizar as identidades de gênero não conformes, como pessoas transgênero, não binárias e de gênero diverso, que desafiam as normas

tradicionais de gênero e se identificam de maneiras que não se limitam à dicotomia macho-fêmea.

Ainda que o jornalismo esportivo tenha experimentado mudanças significativas ao longo das últimas décadas, com a presença crescente de mulheres em sua prática e audiência, é importante reconhecer que a masculinidade hegemônica continua exercendo sua influência.

Esses padrões influenciam a maneira como as reportagens esportivas são conduzidas, com uma ênfase muitas vezes excessiva em esportes considerados "masculinos", enquanto modalidades esportivas femininas ou vistas como "femininas" são relegadas a um espaço secundário.

Essa hierarquização de esportes e a construção de narrativas que valorizam apenas uma determinada forma de masculinidade contribuem para a marginalização de atletas e profissionais do sexo feminino no jornalismo esportivo (CONNELL, 1995).

A perpetuação da masculinidade hegemônica no jornalismo esportivo também pode ser observada na cobertura sensacionalista e estereotipada de casos de assédio, violência e escândalos envolvendo atletas masculinos. Esse enfoque, muitas vezes, acaba por minimizar ou silenciar casos similares envolvendo atletas mulheres ou não adere aos mesmos padrões de análise e julgamento (MESSNER, 2018).

É importante destacar que a masculinidade hegemônica não apenas afeta a cobertura de esportes e atletas, mas também influencia a composição das redações esportivas. A predominância de homens em cargos de chefia e edição, aliada à falta de políticas de igualdade de gênero nas redações, pode criar barreiras para a inclusão e ascensão de mulheres no jornalismo esportivo Berry (2007).

Reconhecer a existência da masculinidade hegemônica é um passo importante para desafiar e desconstruir os padrões de gênero que reforçam desigualdades e opressões. A perpetuação da dominação masculina e a subordinação das mulheres frente à sociedade são questões ligadas ao androcentrismo.

Promover a diversidade de expressões de gênero e valorizar características e comportamentos não vinculados à masculinidade hegemônica é fundamental para alcançar a igualdade de gênero e criar sociedades mais inclusivas e justas.

1.2. Androcentrismo: impactos na equidade de gênero

O androcentrismo é um conceito cunhado pela feminista americana Charlotte Gilman (1898) que descreve uma perspectiva centrada nos homens e nas normas masculinas como

sendo o padrão ou referência principal na sociedade. É uma forma de viés ou discriminação de gênero que coloca os homens e as perspectivas masculinas como superiores e mais valorizadas em relação às mulheres e às perspectivas femininas.

O conceito pode ser observado em várias áreas da sociedade, como na política, economia, educação, religião, cultura e nas relações pessoais. De acordo com Bourdieu (2002, p.33), isso tem referência do biológico, que “dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão do trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho”.

Ele também se manifesta de diversas maneiras, como na suposição de que as experiências masculinas são universais, na atribuição de maior poder e autoridade aos homens, na subordinação das mulheres em termos de status e oportunidades, na invisibilização das contribuições das mulheres e na desvalorização de características e papéis femininos. Como afirma Bourdieu,

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos habitus e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma (BOURDIEU, 2002, p.49).

Esse viés androcêntrico tem implicações significativas nas desigualdades de gênero, perpetuando a hierarquia de poder entre homens e mulheres. Ele reforça estereótipos de gênero, limita as oportunidades e a autonomia das mulheres, e dificulta a promoção da igualdade de gênero.

O sexismo refere-se às discriminações sofridas por determinado gênero ou orientação sexual, onde um deles é privilegiado e o outro discriminado. Mas as mulheres são mais atingidas por esta prática advinda de uma cultura falocrática, [falocêntrica], patriarcal e machista onde as mulheres são desqualificadas e inferiorizadas. Sexismo e machismo seguem a mesma lógica de dominação e de discriminação. Onde se designa papéis e julgamentos distintos para homens e mulheres, repugnando comportamentos e atitudes consideradas feminilizadas ou masculinizadas (BONFIM, 2018, p. 15).

Reconhecer e desafiar o androcentrismo é fundamental para alcançar a equidade de gênero, mesmo que “[...] a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos [...]” (BOURDIEU, 2002, p. 18). Isso envolve questionar as normas e valores que privilegiam as perspectivas masculinas, promover a diversidade de vozes e experiências, e trabalhar para criar

uma sociedade mais inclusiva e justa, no qual todas as pessoas, independentemente de seu gênero, sejam valorizadas e tenham oportunidades iguais.

A crítica ao androcentrismo busca desafiar essa visão centralizada nos homens e reivindicar a igualdade de gênero. Ela envolve questionar e desconstruir as normas patriarcais, promovendo a inclusão e valorização das perspectivas femininas e outras formas de experiências de gênero. Bourdieu (2002) aborda o conceito de androcentrismo, revelando que este se origina não da natureza biológica ou psicológica, mas sim da cultura e contexto histórico. Esse fenômeno é sustentado por elementos patriarcais e machistas que se baseiam na percepção das diferenças entre os sexos, sendo uma construção histórica difundida através da cultura. De forma inconsciente, o androcentrismo conduz à separação entre o universo masculino e feminino, excluindo as mulheres do universo masculino e vice-versa. Essa exclusão contribui para a dicotomia entre o ser masculino e o feminino, que é especialmente manifestada no corpo. Em suma, o androcentrismo é uma ideologia enraizada na cultura que influencia as percepções e comportamentos de gênero ao longo da história.

No contexto do jornalismo esportivo, o androcentrismo refere-se à tendência predominante de colocar o ponto de vista masculino como central e privilegiado, enquanto marginaliza ou desvaloriza o ponto de vista feminino. “A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho [...]” (BOURDIEU, 2002, p. 45).

O androcentrismo no jornalismo esportivo pode ser observado de várias maneiras. Primeiramente, há uma disparidade significativa na representação e na visibilidade das mulheres nesse campo. As mulheres são sub-representadas como jornalistas esportivas, comentaristas e especialistas, tanto na mídia tradicional quanto na mídia online. Isso resulta em uma falta de diversidade de vozes e perspectivas nas coberturas esportivas.

Outra manifestação do androcentrismo no jornalismo esportivo é a preferência dada aos esportes tradicionalmente associados aos homens, como futebol, basquete e automobilismo; em detrimento dos esportes praticados predominantemente por mulheres. Isso resulta em uma cobertura desigual e limitada de modalidades esportivas femininas, perpetuando a visão de que o esporte masculino é mais relevante e importante.

Essa visão de mundo privilegia os valores, interesses e experiências masculinas, enquanto marginaliza ou desvaloriza as perspectivas femininas. Além disso, o androcentrismo influencia as vivências no mercado de trabalho, deixando as disparidades de gênero à vista, restringindo as oportunidades das mulheres e contribuindo para uma cultura organizacional que

valoriza os homens e descarta o pensamento ou opinião das mulheres, tornando o ambiente desfavorável.

CAPÍTULO 02 – Gênero e Desigualdade no Mercado de Trabalho

Gênero e desigualdade no mercado de trabalho são questões amplamente discutidas e persistentes em muitas sociedades ao redor do mundo. A desigualdade de gênero no trabalho refere-se às disparidades e discriminações que ocorrem com base no gênero, afetando a participação, o acesso, às oportunidades e as condições de trabalho de homens e mulheres.

O mercado de trabalho é um espaço fundamental para a realização pessoal e profissional das pessoas, sendo um reflexo importante das dinâmicas sociais e culturais de uma sociedade. Contudo, apesar dos avanços em busca da igualdade de gênero nas últimas décadas, as disparidades entre homens e mulheres no ambiente de trabalho ainda persistem.

Sexo é um desses atributos, talvez mesmo um dos mais importantes, mas não porque homens e mulheres sejam por “natureza” mais capazes, ou ao contrário, menos capazes para determinados tipos de trabalho, apenas por causa do seu sexo. Essa é uma noção bastante difundida e que, à primeira vista, parece ter fundamento. Mas só porque nossa sociedade nos percebe como seres diferentes, nos socializa de acordo com as noções e valores vigentes para cada sexo e, assim, acaba por nos fazer pensar e agir como se fôssemos, de fato, seres essencialmente diferentes, com capacidades, habilidades e temperamentos específicos ao nosso sexo (SARDENBERG, 2004, p.29).

Ainda de acordo com Sardenberg (2004), as mulheres ocupam posições segregadas pela sociedade:

A começar pelo trabalho realizado por mulheres no âmbito doméstico enquanto mães e donas de casa. Mesmo envolvendo uma diversidade de tarefas essenciais para a sobrevivência da família e para a reprodução da força de trabalho, e mesmo implicando numa longa jornada diária, essas atividades femininas só são consideradas como “trabalho” quando remuneradas, isto é, quando realizadas por empregadas domésticas e, ainda assim, no Brasil, muito pouco valorizadas, só sendo realmente apreciadas justamente quando deixam de ser feitas. (SARDENBERG, 2024, p.32)

Essas desigualdades de gênero no mercado de trabalho são resultado de normas culturais. Historicamente, o Brasil enfrenta desafios em relação à igualdade de gênero no mercado de trabalho, incluindo disparidades salariais, segregação ocupacional, dificuldades de ascensão profissional para mulheres e a persistência de estereótipos de gênero. Estereótipos estes que são reforçados por Dorigon (2015), em que as mulheres eram vistas e inseridas nas redações com um viés sexista com a imposição de padrões estéticos:

As mulheres foram utilizadas, inicialmente, não porque poderiam, de fato, contribuir com as redações, compartilhar seus conhecimentos ou porque as emissoras de TV, jornais e rádio abriram espaço e resolveram democratizar as editorias de esporte. O feminino chegou às redações, salvo às exceções, devido à sua imagem, para fazer merchandising, atrair os olhares masculinos e

quebrar o padrão de vozes e discursos dos apresentadores e comentaristas (DORIGON, 2015, p.30).

Outros tipos de preconceitos enfrentados pelas mulheres, principalmente no jornalismo esportivo, incluem o julgamento baseado na aparência física, a desconfiança em relação à sua competência profissional e a sub-representação em posições de liderança. Esses preconceitos podem se manifestar de diferentes maneiras, como comentários ofensivos, discriminação salarial ou a falta de reconhecimento de suas habilidades e conhecimentos.

Embora seja verdade que a divisão tradicional de tarefas na Baixa Idade Média tenha colocado o trabalho feminino nas tarefas do lar, é importante notar que as desigualdades de gênero no jornalismo esportivo não podem ser atribuídas exclusivamente a esse fator histórico. As desigualdades de gênero são resultado de uma combinação complexa de fatores históricos, culturais e estruturais que se perpetuaram ao longo do tempo, com estereótipos de gênero atribuídos às mulheres, levaram muitas vezes a uma subvalorização destas no campo esportivo.

A divisão sexual está inscrita, por um lado, na divisão das atividades produtivas a que nós associamos a idéia de trabalho, assim como, mais amplamente, na divisão do trabalho de manutenção do capital social e do capital simbólico, que atribui aos homens o monopólio de todas as atividades oficiais [...] (BOURDIEU, 2002, p. 60).

A segregação ocupacional também é uma realidade, com mulheres mais concentradas em setores como educação, saúde e serviços, enquanto os homens ocupam uma parcela maior de posições em áreas de alta remuneração, como ciência, tecnologia, engenharia e matemática. Além disso, a maternidade ainda pode ser vista como um fator limitante para as mulheres no mercado de trabalho, Sardenberg (2004) reforça que essa falta de espaço para as mulheres, também está ligado ao fato de muitas delas terem filhos, acabando assim dificultando essa inserção no meio, criado exclusivamente pela população masculina.

A desigualdade de gênero no mercado de trabalho é um problema complexo que requer esforços contínuos de conscientização, mudança cultural e políticas públicas para a mudança e diminuição dos desafios que a mulher encontra no mercado de trabalho. A equidade de gênero não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma condição essencial para o desenvolvimento e o progresso da sociedade como um todo. Através de ações efetivas e comprometidas das organizações, será possível promover um mercado de trabalho mais inclusivo, diverso e igualitário, em que homens e mulheres possam contribuir e prosperar em igualdade de condições sem desafio.

2.1. Desafios da Mulher no Mundo Profissional

O mercado de trabalho refere-se ao ambiente em que ocorre a oferta e a procura de mão de obra, onde os empregadores buscam contratar trabalhadores para realizar tarefas específicas, enquanto os trabalhadores procuram oportunidades de emprego que se alinhem com suas habilidades e interesses.

O trabalho é o meio pelo qual o indivíduo aplica seus esforços, conhecimentos e experiências. Pode-se compreendê-lo como uma troca de esforços mútuos ou uma permuta de favores, para satisfazer necessidades pessoais ou as de um grupo. Neste sentido, trabalho pode ser uma prestação de serviço para outra pessoa ou empresa em que há uma recompensa por este serviço, que pode ser material ou financeira (BORGES et. al, 2019, p. 1).

Nesse ambiente, as empresas buscam preencher suas necessidades de pessoal, enquanto os trabalhadores procuram oportunidades de emprego que se alinhem com suas habilidades e aspirações. Esse mercado é influenciado por uma variedade de fatores, incluindo a economia, tecnologia, demanda por determinadas habilidades e a oferta de mão de obra qualificada. De acordo com Rosa (2014, p.2), esse é o “ campo de encontro de indivíduos na busca pela sobrevivência e pela satisfação pessoal, o chamado “mundo do trabalho” tornou-se uma das principais arenas onde são travadas disputas pelo poder, produção e divisão de riquezas”.

No século XIX, a consolidação do sistema capitalista desencadeou uma série de transformações significativas na produção e na organização do trabalho feminino. O avanço tecnológico e o rápido crescimento da maquinaria foram catalisadores fundamentais dessas mudanças, resultando na realocação de grande parte da mão-de-obra feminina para o ambiente fabril.

No século XIX, com a consolidação do sistema capitalista inúmeras mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino. Com o desenvolvimento tecnológico e o intenso crescimento da maquinaria, boa parte da mão-de-obra feminina foi transferida para as fábricas (PROBST, 2003, p. 2).

A revolução industrial, marcada pela introdução de maquinário e novas técnicas de produção, alterou radicalmente as estruturas tradicionais de trabalho. As fábricas, impulsionadas pela busca por eficiência e aumento da produção, tornaram-se os epicentros dessa transformação, atraindo trabalhadores de todas as esferas sociais, incluindo mulheres.

Há algumas décadas a porcentagem de mulheres economicamente ativas tem aumentado consideravelmente. Isso se deve também, entre outros fatores, aos movimentos políticos e sociais ocorridos no mundo entre as décadas de 60 e 70. Essa mudança de padrões culturais impulsionou as mulheres a estudarem

mais e a participar do mercado de trabalho de forma consistente (PEREIRA; SANTOS; BORGES, 2005, p.2).

Anteriormente confinadas a atividades agrícolas, artesanais ou domésticas, as mulheres viram-se agora integradas aos setores industriais.

A partir de 1930, com a decadência das áreas rurais e a conseqüente ascensão das áreas urbanas, o processo de vida levado a efeito nestas últimas obriga a que o poder econômico do homem, enquanto chefe de família, decaia um pouco. Para manter o nível estável da renda familiar e empreender a sobrevivência, filhos e mulheres são obrigados a ingressar no mercado de trabalho. Por outro lado, um dado exógeno concorre para que esses grupos alijados anteriormente da hierarquia ocupacional se engajem no processo: a necessidade de mão-de-obra para a indústria e outros serviços recentes concorrem para esse fenômeno (NASCIMENTO, 1974, p. 55).

O desenvolvimento das fábricas demandava uma força de trabalho extensiva, e as mulheres, muitas vezes vistas como mão-de-obra mais acessível em termos salariais, passaram a desempenhar papéis cruciais na produção em massa.

[...] a inserção da mulher no mundo do trabalho, vem acompanhada, ao longo desses anos, por elevado grau de discriminação, não só no que tange à qualidade de ocupações que têm sido criadas tanto no setor formal como no informal do mercado de trabalho, mas principalmente no que se refere à desigualdade salarial entre homens e mulheres (PROBST, 2003,p.2).

Assim, o século XIX testemunhou uma reestruturação fundamental na dinâmica do trabalho feminino, à medida que as mulheres migravam das atividades tradicionais para o emergente cenário industrial, contribuindo para as complexas e multifacetadas mudanças sociais e econômicas desse período.

O mercado de trabalho é intrinsecamente entrelaçado com as dinâmicas sociais. Reflete não apenas as preferências e escolhas individuais, mas também as normas culturais, expectativas sociais e as relações de poder presentes na sociedade. A desigualdade de gênero, por exemplo, muitas vezes reflete normas arraigadas que influenciam as escolhas profissionais das mulheres e suas oportunidades de avanço na carreira. As mudanças nas estruturas familiares, valores culturais e avanços nas percepções sociais têm implicações diretas no mercado de trabalho.

Com o aumento do nível de escolaridade das mulheres nos últimos anos e, graças à evolução dos seus valores sociais, na literatura nacional se há um consenso de que este é o fator primordial a determinar a “feminização” do mercado de trabalho. Este fato tem levado também à queda da taxa de fecundidade no Brasil devido à de métodos anticoncepcionais, os quais se tornaram mais acessíveis e variados nos últimos tempos. Desse modo, mulheres mais conhecedoras acabam tendo número reduzido de filhos, o que as torna mais disponíveis para a atividade econômica (NÓBREGA, 2019, p.4).

No contexto da disparidade de gênero no mercado de trabalho, é importante observar que, em muitas sociedades, existe uma diferença percebida nas oportunidades e remunerações entre homens e mulheres. Essa disparidade de gênero pode manifestar-se de várias maneiras, como diferenças salariais, sub-representação de mulheres em cargos de liderança e desafios enfrentados pelas mulheres ao buscarem determinadas carreiras.

Uma das características mais destacadas do mercado de trabalho brasileiro é a estrutura ocupacional bastante segregada. As funções preferencialmente atribuídas às mulheres são vistas como um prolongamento de seus atributos naturais e isto é usado como justificativa para receberem menores salários. (COTRIM; TEIXEIRA; PRONI, 2020, p. 2).

Essa disparidade salarial entre homens e mulheres, conhecida como a “brecha salarial de gênero”, tem sido objeto de análise em várias esferas acadêmicas e institucionais. Mesmo quando mulheres possuem a mesma formação acadêmica e experiência profissional que seus colegas masculinos, persistem diferenças salariais que não podem ser explicadas apenas por fatores objetivos, como qualificações e desempenho no trabalho.

Vários estudos comprovam que as mulheres recebem menores salários, mesmo possuindo iguais características, como a escolaridade. Embora tenha se verificado mudanças importantes no mundo do trabalho, a questão da discriminação da mulher no mercado de trabalho permanece, pois os homens continuam ocupando os mais altos cargos e ganhando os maiores salários (PEREIRA; SANTOS; BORGES, 2005, p.3).

Essas disparidades podem ser atribuídas a uma série de fatores, incluindo estereótipos de gênero, discriminação no local de trabalho, diferenças nas escolhas de carreira e responsabilidades familiares. Acarretando assim, na divisão sexual do trabalho, que se refere à distribuição tradicional de tarefas, responsabilidades e funções entre homens e mulheres em uma sociedade.

Mesmo quando se trata da inserção das mulheres no mercado de trabalho formal, onde as relações de emprego são regidas pela legislação trabalhista, nota-se que elas estão concentradas em atividades socialmente identificadas como sendo de sua atribuição, reafirmando os papéis associados ao gênero (COTRIM; TEIXEIRA; PRONI, 2020, p. 20).

A divisão sexual do trabalho também se reflete em disparidades salariais entre homens e mulheres, mesmo em ocupações semelhantes. Além disso, o trabalho feminino muitas vezes é subvalorizado em comparação com trabalhos predominantemente masculinos.

O mercado gera desigualdade tanto quando remunera de forma diferenciada homens e mulheres ou brancos e negros de mesma produtividade, como quando existem diferenças de remuneração entre trabalhadores perfeitos substitutos na produção ocupando postos em distintos segmentos do mercado de trabalho (BARROS; FRANCO; MENDONÇA, 2007, p.10).

Essa divisão estabelece normas culturais e expectativas em relação aos papéis de gênero associados ao trabalho, tanto dentro, quanto fora do ambiente doméstico. Historicamente, essa divisão tem sido caracterizada por uma série de estereótipos que atribuem certas atividades e profissões como "adequadas" para homens ou mulheres, desta maneira, ela “[...] não tem efeito somente no emprego e na participação diferenciada de homens e mulheres no mercado, mas também afetam a forma como essas relações se difundem na sociedade” (MADALOZZO; MARTINS; SHIRATORI, 2010, p. 551).

Um fator central que contribui para essa disparidade é a persistência de estereótipos de gênero e preconceitos no ambiente de trabalho. As mulheres muitas vezes enfrentam obstáculos para avançar em suas carreiras, seja devido a expectativas tradicionais de gênero, discriminação inconsciente ou falta de políticas organizacionais que promovam a equidade de oportunidades. “Em qualquer caso, partimos da hipótese de que o aumento da procura por trabalho remunerado por parte das mulheres, ainda que tenha tido algumas consequências negativas, tem sido um acontecimento positivo” (SOARES; IZAKI, 2002, p.1).

A contextualização da importância do mercado de trabalho como um reflexo das dinâmicas sociais e econômicas é crucial para compreender as complexidades que permeiam as relações laborais e as influências que moldam as oportunidades de emprego e as disparidades observadas. Desta maneira, é necessário analisar os aspectos que ao longo dos anos acarretaram um estereótipo criado em relação a mulher, como exemplo, as expectativas de cuidado, em que as mulheres, historicamente, foram associadas ao papel de cuidadoras, tanto no contexto familiar quanto profissional. “O emprego doméstico é um dos maiores “guetos” femininos, na medida em que se trata de uma ocupação na qual mais de 90% dos trabalhadores são do sexo feminino” (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1999, p.3).

Isso inclui responsabilidades como cuidar de crianças, idosos e do lar.

Incorporar a dimensão do trabalho doméstico não remunerado é essencial para a consolidação de uma compreensão sobre as dificuldades das mulheres se inserirem de forma qualificada no mundo produtivo quando estão à frente ou são as principais responsáveis pelos cuidados com a família. (COTRIM; TEIXEIRA; PRONI, 2020, p.5).

Além disso, as mudanças nas estruturas familiares, valores culturais e avanços nas percepções sociais têm implicações diretas no mercado de trabalho. Por exemplo, a crescente valorização da diversidade e inclusão nas últimas décadas reflete uma mudança social que começa a se manifestar nas práticas de contratação e nas políticas corporativas. “Uma mudança notável no perfil da força de trabalho feminino que marcou a década de 1980 foi a ampliação

da atividade das mulheres mais maduras, com o aumento da participação na faixa etária acima de 25 anos” (COTRIM; TEIXEIRA; PRONI, 2020, p. 5).

Quanto à questão da disparidade de gênero, mencionada anteriormente, é importante ressaltar que essa disparidade pode se manifestar em várias formas, incluindo diferenças salariais, segregação ocupacional e barreiras ao avanço na carreira para mulheres.

A segregação é o resultado da forma como as mulheres se inserem no mundo produtivo e, mesmo quando parte dos empregadores manifesta resistência à contratação de mulheres para determinadas ocupações ou cargos, a sua decisão estará sendo orientada por uma compreensão e uma naturalização dos papéis sociais atribuídos aos sexos (TEIXEIRA, 2017, p. 144).

A promoção da igualdade de gênero no mercado de trabalho é uma preocupação global, com esforços contínuos para superar desafios e criar ambientes de trabalho mais equitativos. Apesar desses fatores serem primordiais para a equidade de gênero, dentro das organizações, é comum observar hierarquias de gênero, com mulheres frequentemente ocupando posições em níveis mais baixos e enfrentando barreiras para avançar para cargos de liderança, além disso, a remuneração ou salário é um aspecto essencial do mercado de trabalho. A oferta e a demanda por determinadas habilidades, bem como fatores como experiência e educação, influenciam os níveis salariais. “Nesse caso, temos que o mercado de trabalho remunera de forma diferenciada trabalhadores com a mesma produtividade intrínseca e, portanto, certamente gera desigualdades” (BARROS; FRANCO; MENDONÇA, 2007, p.10).

O fenômeno da entrada maciça das mulheres na força de trabalho foi impulsionado por uma série de fatores, incluindo mudanças nas atitudes sociais em relação ao papel da mulher, avanços nos movimentos feministas e transformações econômicas e tecnológicas. Essa transição desencadeou uma necessidade premente de compreender as implicações econômicas, sociais e culturais dessa mudança significativa.

Os investimentos em educação da mulher têm impactos que vão muito além do seu progresso pessoal. As mulheres, quando educadas, cuidam melhor da sua saúde e da saúde da família, em especial, das crianças. Mães educadas ensinam bons hábitos de higiene para os filhos e orientam suas vidas de modo mais seguro. Além disso, a educação as leva a terem menos filhos, diminuindo o risco da gravidez indesejada e fazendo baixar a taxa de fertilidade da sociedade. Em outras palavras, a mulher ocupa um lugar estratégico na modelagem da sociedade (PEREIRA; SANTOS, BORGES, 2005, p.5).

O notável aumento da participação feminina na força de trabalho brasileira é um fenômeno que evidencia transformações marcantes ao longo das últimas décadas. Essa ascensão é resultado da contribuição de diversos fatores, sendo possível identificar algumas das influências mais relevantes por meio de uma análise mais detalhada.

A presença das mulheres na força de trabalho no Brasil vem crescendo de forma expressiva nas últimas décadas. A mudança de valores culturais decorrentes dos movimentos políticos e sociais da década de 60 e 70 tiveram como consequência a maior escolarização das mulheres, inclusive nas carreiras universitárias (PEREIRA; SANTOS; BORGES, 2005, p.3).

Essa mudança teve impactos profundos na sociedade, promovendo uma reconfiguração das relações de gênero e do papel das mulheres na esfera pública. Contudo, é crucial observar que, apesar de sua presença cada vez mais notável nas fábricas, as condições de trabalho para as mulheres frequentemente eram desafiadoras, marcadas por longas jornadas, salários baixos e falta de regulamentação.

Por outro lado, a intensa afluência das mulheres ao mercado de trabalho não foi acompanhada por uma diminuição significativa das desigualdades profissionais entre homens e mulheres. A maior parte dos empregos femininos continua concentrada em alguns setores de atividades e agrupada em um pequeno número de profissões, e essa segmentação continua estando na base das desigualdades existentes entre homens e mulheres no mercado de trabalho, incluindo as salariais (ABRAMO, 2006, p. 78).

A interação entre dinâmicas sociais e econômicas é evidente nas políticas de emprego, nas práticas de seleção de pessoal e nas oportunidades de desenvolvimento profissional. A inclusão de grupos historicamente marginalizados no mercado de trabalho muitas vezes reflete não apenas considerações econômicas, mas também um reconhecimento crescente das necessidades de equidade, justiça social, disparidades de gênero e de diversidade, são cada vez mais reconhecidas como cruciais para a justiça no ambiente de trabalho.

A desigualdade permeia o mercado de trabalho em várias dimensões, sendo moldadas por uma combinação de identidades, neste caso em questão, do homem frente a mulher. Isso evidencia a interseccionalidade, onde, por exemplo, as mulheres podem enfrentar barreiras adicionais em comparação aos homens.

2.2. Interseccionalidade e Jornalismo Esportivo

Gênero é um conceito que se refere aos papéis, comportamentos, atividades e expectativas socialmente construídos que uma sociedade considera apropriados para homens e mulheres. É importante compreender que o gênero não se refere apenas à biologia (masculino e feminino), mas é uma construção social que influencia profundamente a forma como as pessoas se comportam, se identificam e são percebidas na sociedade.

As distinções de gênero não raro se transformam em relações desiguais entre o masculino e o feminino em todos os campos da vida social: nos corpos, nos

discursos, nos conhecimentos, nas leis, nas práticas sociais, nas famílias, e até mesmo nas notícias, conforme pude perceber ao longo da pesquisa. É a partir dos símbolos culturais hegemônicos, produzidos nas instâncias de poder, que se operam os sentidos entendidos como legítimos sobre o que significam masculino e feminino, indicando, também, os lugares sociais destes (VEIGA, 2012, p. 494).

O gênero é visto como construção social, devido às normas e expectativas de gênero variam de cultura para cultura e ao longo do tempo. O que é considerado apropriado para homens e mulheres pode ser influenciado pelas tradições culturais, valores, religião e normas sociais. As desigualdades de gênero referem-se às disparidades de poder, oportunidades e tratamento que muitas vezes afetam as mulheres e outras minorias de gênero. Isso inclui a disparidade salarial de gênero, a falta de representação em cargos de liderança e a discriminação de gênero.

A presença em profissões, a ocupação de postos de trabalho de maior relevância e o topo da pirâmide salarial continuam a ser uma expressão das desigualdades raciais e de gênero. São as hierarquizações que asseguram posições de poder e reconhecimento a homens brancos, mulheres brancas, homens negros e mulheres negras, respectivamente, a chamada pirâmide sociorracial brasileira (ROSA, 2014, p. 3).

A compreensão do conceito de gênero é fundamental para discutir questões relacionadas à igualdade de gênero, direitos LGBTQ+ e justiça social. Promover uma sociedade mais inclusiva e igualitária envolve desafiar estereótipos de gênero, reconhecer e respeitar a identidade de gênero das pessoas e trabalhar para eliminar as desigualdades de gênero que persistem em muitas partes do mundo.

A desigualdade de gênero refere-se às disparidades e discriminações sistemáticas que ocorrem entre homens e mulheres em várias áreas da sociedade. Essas disparidades podem manifestar-se em termos de acesso a oportunidades, salários, poder político, educação, saúde e outros aspectos da vida cotidiana. A desigualdade de gênero é fundamentada em normas sociais e culturais que atribuem papéis e expectativas diferentes a homens e mulheres, muitas vezes favorecendo os homens em detrimento das mulheres, segundo Rosa (2014, p. 3),

A presença em profissões, a ocupação de postos de trabalho de maior relevância e o topo da pirâmide salarial continuam a ser uma expressão das desigualdades raciais e de gênero. São as hierarquizações que asseguram posições de poder e reconhecimento a homens brancos, mulheres brancas, homens negros e mulheres negras, respectivamente, a chamada pirâmide sociorracial brasileira.

A desigualdade, ao reforçar normas culturais discriminatórias, tende a perpetuar atitudes e comportamentos que funcionam como obstáculos ao progresso de determinados grupos. A

resistência à mudança cultural e a persistência de sistemas de crenças discriminatórios podem, conseqüentemente, dificultar a criação de ambientes de trabalho verdadeiramente inclusivos.

De acordo com Abramo (2006) essas formas de discriminação desempenham um papel significativo na sobreposição de várias camadas de vulnerabilidades, criando barreiras que dificultam que pessoas e grupos discriminados consigam superar a condição de pobreza e obtenham acesso digno ao mercado de trabalho. “as diversas formas de discriminação estão fortemente relacionadas aos fenômenos de exclusão social que originam e reproduzem a pobreza”p. 40. Essas barreiras adicionais não apenas ampliam a complexidade dos desafios enfrentados por indivíduos discriminados, mas também exacerbam as disparidades sociais, enfraquecendo a eficácia das iniciativas voltadas para a promoção da igualdade e inclusão.

A desigualdade racial e a disparidade sistemática é injusta no tratamento de pessoas com base em sua raça ou etnia. Isso se manifesta em diversas áreas, como acesso a oportunidades educacionais, emprego, moradia, justiça e saúde. Está enraizada em estruturas sociais e históricas que perpetuam discriminação e privilégios com base na raça, resultando em oportunidades desiguais e tratamento injusto para diferentes grupos étnicos. Combater a desigualdade racial envolve o reconhecimento e a abordagem das causas estruturais e sistêmicas que perpetuam essas disparidades.

O critério racial constitui-se num desses mecanismos de seleção, fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, através da discriminação. O efeito continuado da discriminação feita pelo branco tem também como consequência a internalização pelo grupo negro dos lugares inferiores que lhes são atribuídos. Assim, os negros ocupam aqueles lugares na hierarquia social, desobrigando-se de penetrar os espaços que estão designados para os grupos de cor mais clara. Dialeticamente perpetuando o processo de domínio social e privilégio racial (NASCIMENTO, 1974, p. 53).

A raça é uma construção social e, assim como gênero envolvendo atitudes ou ações desiguais, seja no ambiente de trabalho ou em sociedade. Rosa ressalta a busca contínua de jornalistas negros e negras por oportunidades de emprego:

Ao passo em que a representação de gênero equilibrou-se, mas não os espaços de poder que se mantêm masculinos, prossegue o teor reivindicatório de jornalistas negros e negras para a ocupação de postos de trabalho, considerando a mão-de-obra existente e que não é absorvida nas redações e nas assessorias de imprensa em decorrência de aspectos de ordem racial (ROSA, 2014, p. 4).

A exploração das implicações sociais, econômicas e culturais da desigualdade de gênero e raça no ambiente profissional revela uma série de impactos profundos que afetam não apenas indivíduos, mas também comunidades e a sociedade em geral.

As desigualdades de gênero e raça são eixos estruturantes da matriz da desigualdade social no Brasil que, por sua vez, está na raiz da permanência e reprodução das situações de pobreza e exclusão social. Por isso, enfrentar essas desigualdades significa tratar de uma característica estrutural da sociedade brasileira [...] (ABRAMO, 2006, p. 40).

O conceito de raça é complexo e muitas vezes controverso, pois tem sido historicamente usado de diversas maneiras. Em termos gerais, "raça" tem sido historicamente utilizada para classificar e agrupar pessoas com base em diferenças biológicas, especialmente em relação à cor da pele, características físicas, ancestrais e herança genética.

Além disso, a ideia de raça está intrinsecamente ligada a questões culturais, sociais e políticas. Durante séculos, as noções de raça foram usadas para justificar a discriminação, a desigualdade, a escravidão e até mesmo a violência sexual, ligado a opressão interseccional em que, segundo Crenshaw (2002, p. 178), “[...] essa violência pode ser concebida como uma subordinação, o interseccional intencional, já que o racismo e o sexismo manifestados em tais violações refletem um enquadramento racial ou étnico das mulheres, a fim de concretizar uma violação explícita de gênero”.

Raça tem sido um fator chave na estruturação de sociedades, determinando relações de poder e influenciando a distribuição de recursos e oportunidades, como por exemplo as mulheres negras, que precisam mostrar um nível maior com relação às mulheres brancas.

Essa falta de oportunidade também acontece no âmbito do jornalismo, que ainda possui a complexidade da raça, seu impacto histórico e suas implicações na sociedade, bem como trabalhar para promover a igualdade e a justiça racial.

o negro é representado na televisão como um ser inferior as demais etnias. Encontrar negros atuando como motoristas, empregadas domésticas ou babás, são comuns nas telenovelas brasileiras. No jornalismo, isso não é diferente, e a inserção do negro como jornalista em bancada e como repórter aconteceu gradativamente (SANCHOTENE; PEDROZO; ZUCOLO, 2018, p. 433).

Ambas as formas de desigualdade são interseccionais, significando que as pessoas podem enfrentar múltiplas formas de discriminação com base em sua identidade de gênero e raça, exacerbando as disparidades e desafios que enfrentam.

Apesar dessa interseccionalidade presente no mercado de trabalho, as organizações estão trabalhando para promover a diversidade no ambiente de trabalho. Segundo dados de 2023 da *CNN Brasil*, atualmente, cerca de 96% das empresas estão investindo nas campanhas que fomentam a Diversidade e Inclusão. As redações jornalísticas estão cada vez mais conscientes da importância de garantir diversidade e inclusão em suas equipes, promovendo a representação de diferentes perspectivas e experiências. Programas de capacitação, políticas de

contratação inclusivas e a promoção de um ambiente de trabalho equitativo e diversificado são passos fundamentais para lidar com essas disparidades. A *Rede Globo* faz parte desses dados, enfatizando a importância da inclusão:

Acreditamos no potencial da diversidade para enriquecer e trazer inovação para o nosso conteúdo e portfólio de marcas e, também, nos conectar, cada vez mais, com a sociedade. Ela é fundamental para o nosso desenvolvimento como profissionais e como empresa e deve fazer parte da nossa cultura, do nosso dia a dia (GLOBO, 2022).

Desta forma, o ponto central da interseccionalidade no que se refere ao conjunto das lutas de classes:

[...] pode servir de ponte entre diversas instituições e eventos e entre questões de gênero e de raça, [...] uma vez que parte do projeto da interseccionalidade visa incluir questões raciais nos debates sobre gênero e direitos humanos e incluir questões de gênero nos debates sobre raça e direitos humanos. (CRENSHAW, 2002, p. 08).

No jornalismo, a disparidade entre gênero e raça, possuem um impacto significativo. Para Santos (2022, p. 1), “jornalismo com perspectiva de gênero pode ser entendido como aquele que pauta desigualdades de poder vinculadas aos papéis de gênero, permeado na transversalidade e com uma própria ótica de cobertura jornalística”. Essa disparidade é evidenciada na sub-representação de mulheres em posições de liderança e pela menor visibilidade em certas áreas de cobertura. Apesar dos avanços, as mulheres ainda enfrentam obstáculos para ocupar posições de destaque e para ter suas vozes e perspectivas devidamente representadas. “[...] a discriminação entre gêneros está mais localizada na ocupação dos cargos de chefia. A diferença salarial entre gêneros não é grande entre os jornalistas que desempenham as mesmas funções, no entanto, em ambos os países, os cargos de chefia são, em sua maioria, desempenhados por homens” (ROCHA; SOUSA, 2011, p. 17).

A desigualdade de gênero e racial no jornalismo não é um fenômeno isolado, mas está intrinsecamente ligada a padrões históricos que moldaram a sociedade em geral. Ao contextualizar essa desigualdade dentro de um contexto histórico mais amplo, podemos identificar como certas narrativas e estruturas foram estabelecidas ao longo do tempo, moldando a representação e a participação de diferentes grupos.

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros. Transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos sistemas ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova a sua eficácia

e os efeitos de desintegração violenta, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos, o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue” como se diz no Brasil), é internalizado com a consequente negação da própria raça e da própria cultura (GONZALEZ, 2011, p. 15).

Durante os períodos coloniais e de escravidão, o acesso à educação e a participação em esferas públicas eram severamente restritos para pessoas negras, especialmente para mulheres negras. A mídia, controlada predominantemente por uma elite branca, refletia e perpetuava as hierarquias sociais da época.

Angela Davis (1981) destaca a interseccionalidade e a complexidade das opressões vivenciadas por diferentes grupos sociais. Davis ressalta a interconexão entre raça e classe social, indicando que as experiências de opressão não podem ser entendidas isoladamente. A ideia de vários sistemas de poder enfatiza que a opressão não segue uma hierarquia única, mas, em vez disso, manifesta-se através de diversas formas e interações. “É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida” (DAVIS, 1981, p. 20).

Mulheres negras, por exemplo, enfrentam desafios únicos que combinam discriminação de gênero e raça, muitas vezes experimentando uma dupla marginalização e enfrentando obstáculos adicionais em suas carreiras, no que tange as interseccionalidade.

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são ‘diferenças que fazem diferenças’ na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres [...] (CRENSHAW, 2022, p. 173).

Jornalistas de minorias étnicas frequentemente enfrentam barreiras no acesso a oportunidades, tendo uma menor representação em posições de liderança e, muitas vezes, as narrativas sobre comunidades racializadas são distorcidas ou simplificadas, contribuindo para estereótipos prejudiciais, Segundo Pontes (2017, p. 1-2),

Mesmo a ponderação presente nas notícias de que houve uma redução da distância entre homens e mulheres na percepção de renda em uma mesma ocupação, a desigualdade permanece. A disparidade é ainda maior quando os dados são coligidos por raça. Além disso, o aumento progressivo das diferenças de renda entre homens e mulheres de mesma escolaridade e funções evidencia os problemas de gênero no trabalho brasileiro.

Após a abolição da escravatura, no final do século XIX, houve um aumento gradual da presença de jornalistas negros. No entanto, a segregação racial persistiu, e as oportunidades para mulheres negras eram ainda mais limitadas. A narrativa jornalística muitas vezes reforçava estereótipos racistas e de gênero, retratando mulheres negras de maneira negativa e limitando sua presença em posições de liderança.

Em síntese, a desigualdade de gênero e racial no jornalismo está profundamente enraizada em padrões históricos que marginalizaram sistematicamente mulheres negras. Rosa (2014) explana como a presença de debates em relação ao racismo e sexismo são importantes para visibilidade das minorias:

Cada vez mais presentes no debate sociopolítico nacional, o racismo e o sexismo, assim como as reivindicações de equidade racial e de gênero, espriam-se para realidades específicas, ganhando materialidades de circunstâncias, sujeitos e espaços por muito tempo ocultos em razão das estratégias de invisibilidade e silenciamentos de cunho político e ideológico, influenciados pelo mito da democracia racial e pelas relações patriarcais/sexistas (ROSA, 2014, p.8).

Enquanto houve avanços ao longo do tempo, a persistência de barreiras históricas destaca a necessidade contínua de esforços para desconstruir essas estruturas e promover uma representação mais justa e equitativa no campo jornalístico.

No jornalismo esportivo, uma abordagem interseccional pode ajudar a ampliar as vozes e perspectivas representadas na cobertura esportiva, destacando questões importantes como desigualdades de gênero, racismo no esporte, homofobia e outros desafios enfrentados por diferentes grupos. Isso contribui para uma cobertura mais inclusiva e representativa, refletindo a complexidade e diversidade do mundo esportivo e da sociedade em geral.

CAPÍTULO 03 – Mulheres e jornalismo esportivo

O jornalismo esportivo é uma área de grande relevância na mídia, caracterizada por sua capacidade de informar e entreter uma audiência diversificada. Ele abrange uma variedade de mídias, incluindo jornais, revistas, rádio, televisão, internet e mídias sociais. Ele possui várias características e as principais são: cobertura de eventos esportivos que envolve a cobertura ao vivo ou reportagem de eventos esportivos, como competições, jogos, corridas, lutas e outros acontecimentos esportivos relevantes; análises e comentários que, além de fornecer informações básicas sobre os eventos, também inclui análises detalhadas e comentários de especialistas e jornalistas sobre o desempenho dos atletas, estratégias dos times e o panorama geral do esporte; perfil de atletas e times que também se dedica a contar a história e destacar a trajetória de atletas e times, revelando seus feitos, conquistas, dificuldades e superações; cobertura de notícias e escândalos, abrangendo a cobertura de notícias relevantes e até mesmo escândalos envolvendo atletas, treinadores, dirigentes esportivos e instituições esportivas; diversidade de esportes, não se limitando apenas aos esportes populares, como futebol, basquete e tênis e interação com o público por meio de programas de rádio, televisão, sites, redes sociais e outros meios de comunicação, permitindo que os fãs participem da discussão e expressem suas opiniões.

No entanto, a cobertura de eventos esportivos apresenta desafios distintos em relação a outros temas jornalísticos, exigindo uma abordagem especializada e atenta à diversidade de perspectivas. Sua história tem seus primeiros resquícios no século XIX, quando o esporte começou a ganhar popularidade e os jornais viram a oportunidade de atender a uma demanda crescente por notícias esportivas. Antes disso, os jornais e as mídias impressas focavam principalmente em notícias políticas e econômicas.

No Reino Unido, considerado o berço do jornalismo esportivo moderno, destacam-se figuras como Charles Dickens, que escrevia sobre boxe e corridas de cavalos, e Henry Chadwick, conhecido como o "pai do jornalismo esportivo", por suas coberturas de críquete e beisebol nos Estados Unidos.

Segundo Coakley (2006), o jornalismo esportivo enfrenta o desafio de equilibrar a objetividade jornalística com a paixão dos torcedores. Os jornalistas esportivos muitas vezes precisam conciliar o dever de informar de forma imparcial com a necessidade de cativar o público, que muitas vezes busca notícias que reforcem suas preferências clubísticas ou esportivas.

Outro aspecto importante a ser considerado é a representação de atletas e esportes femininos na mídia esportiva. Estudos têm mostrado que a cobertura de esportes femininos é frequentemente menor e menos valorizada em comparação com os esportes masculinos Brittain (2010). A visibilidade limitada para atletas mulheres pode reforçar estereótipos de gênero e impactar a igualdade de oportunidades no esporte e no jornalismo esportivo.

Apesar dessas dificuldades, o jornalismo esportivo também apresenta perspectivas de evolução e mudanças positivas, permitindo que os jornalistas esportivos alcancem públicos mais amplos e diversificados.

Ademais, a conscientização crescente sobre a importância da igualdade de gênero e a representatividade no esporte e na mídia podem impulsionar uma maior atenção ao esporte feminino e uma mudança na abordagem jornalística Brittain (2010).

No Brasil, o jornalismo esportivo no Brasil teve seu início no final do século XIX, acompanhando o crescimento e a popularização do esporte no país. Este nicho do jornalismo no Brasil possui uma longa trajetória e desempenha um papel significativo na mídia do país. Desde o surgimento até a era digital, a cobertura de eventos esportivos tem se destacado como uma das áreas mais populares e consumidas pela audiência brasileira.

O primeiro jornal a dedicar uma seção exclusiva ao esporte foi o *Diário do Rio de Janeiro*, que em 1884 passou a publicar notícias e resultados de corridas de cavalo. Nos anos seguintes, outros jornais também começaram a incluir seções esportivas em suas publicações. Em 1912, foi fundado o jornal *A Gazeta Esportiva*, que se tornaria uma das principais referências do jornalismo esportivo no país.

No entanto, foi a partir da década de 1930 que o jornalismo esportivo no Brasil começou a se consolidar como uma área específica, com a criação de veículos especializados, como revistas e jornais voltados exclusivamente para esportes. Nesse período, o futebol começou a se tornar o esporte mais popular do país, e a cobertura jornalística desse esporte ganhou destaque. Jornais como *O Globo* e *Folha da Manhã* (atual *Folha de S. Paulo*) passaram a dedicar seções inteiras ao futebol, com notícias, entrevistas, análises e crônicas sobre os principais times e jogadores.

Com o advento da televisão nas décadas de 1950 e 1960, o jornalismo esportivo ganhou uma nova plataforma para se expandir. Os programas esportivos de TV, como o *Esporte Espetacular* e o *Globo Esporte*, ambos da *Rede Globo*, se tornaram referências na cobertura esportiva, trazendo entrevistas, reportagens e transmissões ao vivo de eventos esportivos. Ao longo do tempo, o jornalismo esportivo passou por transformações significativas, influenciadas por fatores como o desenvolvimento tecnológico, mudanças nas práticas jornalísticas e a

evolução da cultura esportiva no Brasil. A adoção de novas mídias, como rádio, televisão e internet, ampliou o alcance das coberturas, permitindo que um número cada vez maior de pessoas tivesse acesso às informações esportivas Travancas (2008). A cobertura esportiva é abrangente, incluindo não apenas o futebol, mas também outros esportes populares, como vôlei, basquete, automobilismo e lutas.

No entanto, apesar do crescimento e diversificação do jornalismo esportivo no país, esse campo também enfrenta desafios significativos. Dentre eles, destacam-se questões como a ética na cobertura esportiva, a relação entre jornalistas e atletas, e a influência de interesses comerciais e políticos na produção de conteúdo esportivo Steen (2006).

A cobertura desequilibrada entre esportes masculinos e femininos é outra questão importante no jornalismo esportivo brasileiro. Estudos têm apontado que o esporte feminino ainda é sub-representado na mídia, com menos visibilidade e espaço nas coberturas em comparação com os esportes masculinos Oliveira (2019).

O jornalismo esportivo no Brasil é uma área em constante evolução, desempenhando um papel relevante na sociedade brasileira. No entanto, para que essa área continue a cumprir sua função informativa e social, é necessário enfrentar os desafios existentes, buscando uma abordagem ética e equilibrada, promovendo a igualdade de gênero na cobertura esportiva e contribuindo para a construção de uma cultura esportiva inclusiva e representativa.

3.1. A questão de gênero no jornalismo esportivo

O jornalismo esportivo tem sido predominantemente masculinizado em muitos aspectos, as mulheres, por exemplo, tiveram seu ingresso no campo esportivo mais demorado e enfrentando diversos obstáculos. Segundo Coelho (2003), até o início dos anos de 1970, era raro ver mulheres envolvidas em atividades esportivas, seja como praticantes, treinadoras ou mesmo como jornalistas esportivos.

Os homens têm ocupado a maioria das posições de destaque, como apresentadores de programas esportivos, comentaristas, repórteres de campo e colunistas esportivos. Essa desigualdade de gênero é evidente nas redações, nas coberturas de eventos esportivos e na representação midiática em geral.

É interessante observar que, de acordo com Dorigon (2015), a presença e representação das mulheres no esporte também contribuíram para chamar a atenção feminina para o jornalismo esportivo. Segundo a autora, as mulheres que praticavam esportes, sentiam-se capazes, compreendiam as regras do jogo e desejavam compartilhar esse conhecimento, assim

como os homens faziam. Isso indica que as mulheres que estavam envolvidas no esporte sentiram a necessidade de ter uma voz e contribuir para a cobertura esportiva.

Em consonância com Dorigon (2015), o número de mulheres nas redações ainda era pequeno na época. Aumentar a representação feminina no jornalismo esportivo exigiu a implementação de medidas externas, não necessariamente relacionadas à capacidade ou ao conhecimento das mulheres. Essas "artimanhas externas" podem se referir a ações afirmativas, políticas de diversidade e inclusão, programas de mentoria e outras estratégias que foram adotadas para aumentar a participação das mulheres no jornalismo esportivo. De acordo com a autora, essas medidas externas ajudaram a abrir portas e criar oportunidades para que mais mulheres pudessem ingressar e progredir no campo do jornalismo esportivo.

No Brasil, a inserção das mulheres no jornalismo esportivo tem sido um processo gradual e desafiador, mas que tem mostrado progresso ao longo dos anos. Dados da *Federação Nacional dos Jornalistas* apontam que o número de mulheres na redação é grande, equivalente a 64% das pessoas que trabalham nas redações (BERGAMO et. al.,2013). É interessante observar que, embora as mulheres sejam maioria nas redações de jornais no Brasil, ocupando cargos de chefia nos meios de comunicação, a pesquisa mencionada indica que elas continuam sendo minoria nas editorias de esportes. Isso pode ser reflexo de uma série de fatores que afetam a participação feminina nessa área específica.

Em outro estudo global realizado recentemente pelo *Instituto Reuters*, “Mulheres e liderança na mídia: evidências de 12 mercados”, com o objetivo de analisar a desigualdade de gênero no jornalismo, “ 22% dos 180 principais editores das 240 marcas cobertas são mulheres. Em média, isso está substancialmente abaixo dos 40% de jornalistas nos 12 mercados que são mulheres” p. 3. O estudo ainda analisou esses dados em outros 11 países, dentre eles Quênia e Brasil, que ocupa apenas a penúltima colocação com 13%, escancarando assim, a disparidade entre o homem e a mulher, seja em uma redação ou em grandes transmissões de eventos importantes, nos quais as mulheres sempre são jogadas para escanteio (PACHECO; SILVA, 2020). Fato esse que também foi evidenciado por Cristina Konder em um relato para o livro *Jornalismo Esportivo: Os craques da emoção*:

Mas sei de muita discriminação sofrida por colegas, pelo fato de serem mulheres. E não só na editoria de esporte. Em todas a discriminação por sexo, infelizmente, é uma realidade no Brasil. E pode ser sentida em todo lugar. Imagino que as editorias de Esporte também sofram desse mal. Porém, hoje em dia, a maioria dos homens se sente na obrigação de, pelo menos, disfarçar muito bem os preconceitos que possam ter. Mas que ainda los hay, los hay. Infelizmente (A SECRETARIA, 2004, p. 25).

Algumas nuances preconceituosas ainda permeiam quando se trata das mulheres jornalistas esportivas que são redirecionadas para cobrir esportes amadores em vez de esportes considerados "masculinos" como o futebol e o automobilismo, como diz Coelho (2003). Essa dinâmica reflete a persistência de estereótipos de gênero e do machismo na cobertura esportiva e a uma cultura masculina dominante. O mesmo ocorre com o automobilismo, que historicamente tem sido visto como um esporte masculino, tanto em termos de pilotos quanto de cobertura midiática. Fato esse que aconteceu com Mariana Becker, jornalista com mais de 30 anos de carreira. Em entrevista à revista *Marie Claire*, ela relatou como o machismo afetou sua profissão quando iniciou sua vida na cobertura da Fórmula 1: “Demorei entender que machismo muitas vezes era o que rodeava o meu dia ou o meu fazer na profissão. Às vezes, eu achava que era uma super exigência ou um problema do meu dia a dia”.

Embora as barreiras persistam, é encorajador ver que cada vez mais mulheres estão encontrando maneiras de contornar essas dificuldades e alcançar sucesso no jornalismo esportivo é o que dizem Pacheco e Silva (2020, p.5):

Sem perspectiva de trabalho em Belo Horizonte, algumas apostam em deslocamentos para outros estados brasileiros. São Paulo e Rio de Janeiro são os centros mais procurados em busca de oportunidades no campo dos esportes. E a partir desses centros o deslocamento para outros países torna-se uma possibilidade mais palpável, mesmo em condições precárias.

Oriundos desses obstáculos e barreiras quebradas, segundo Baggio (2012), Isabela Scalabrini foi uma das pioneiras na luta por direitos iguais no jornalismo esportivo, especificamente na televisão, trabalhando como repórter na Rede Globo a partir de 1980, cobrindo diversas modalidades esportivas, exceto o futebol, que, na época, era predominantemente destinado aos homens na redação. O autor ainda define a atuação de Isabela significativa ao abrir caminho para as mulheres no jornalismo esportivo, desafiando as normas de gênero e os estereótipos que limitam as oportunidades das mulheres nesse campo. Sua presença e trabalho ajudaram a quebrar barreiras e contribuíram para o aumento da participação feminina na cobertura esportiva.

É importante reconhecer e valorizar o legado de mulheres como Isabela Scalabrini, que enfrentaram desafios. Seus esforços contribuíram para uma maior diversidade e representatividade nessa área, permitindo que mais vozes femininas fossem ouvidas e contribuíssem para a narrativa esportiva.

Se para Isabela e outras mulheres já foi difícil adentrar nesta área, imagina para as mulheres negras, que a presença no jornalismo esportivo no Brasil tem sido historicamente limitada, refletindo as desigualdades estruturais presentes na sociedade brasileira. As barreiras

que as mulheres enfrentam para ingressar e avançar em carreiras jornalísticas também são agravadas pela interseção de gênero e raça. Isso é evidenciado por Creedon (1994) e outros estudiosos que têm destacado o fato de que o número de mulheres negras cobrindo esportes é extremamente baixo. Essa falta de representação não apenas reflete a desigualdade de gênero, mas também a falta de diversidade racial no jornalismo esportivo. As mulheres negras enfrentam desafios adicionais devido à interseção de gênero e raça. Além das barreiras existentes para as mulheres jornalistas esportivas, elas também têm que lidar com o racismo sistêmico e com estereótipos prejudiciais. Isso pode resultar em uma falta de oportunidades e em um ambiente de trabalho hostil. Todo esse relato aconteceu com interlocutoras de Belo Horizonte, que se declaram negras (PACHECO; SILVA, 2020) escancarando um racismo estrutural nas redações e um sinal da ausência dessas mulheres no jornalismo esportivo e no desconforto de evidenciar as disparidades raciais em suas falas.

Com o tempo, espera-se que a representação feminina nessa área continue a crescer de forma orgânica e que a valorização do conhecimento e da capacidade das mulheres se torne a principal razão para sua presença no jornalismo esportivo, sem depender de artifícios externos. A presença de mulheres no jornalismo esportivo tem um impacto positivo na sociedade, uma vez que oferece modelos e referências para as jovens que se interessam por esportes e jornalismo. Elas também ajudam a ampliar a cobertura de esportes femininos, muitas vezes negligenciados ou sub-representados.

3.2. Desigualdades: Gênero, Raça e Machismo

O jornalismo esportivo desempenha um papel significativo na mídia brasileira, refletindo a paixão e o interesse generalizado da população pelo esporte, mas também exerce influência na construção da cultura e identidade nacional. Assim como muitos outros setores, enfrenta desafios relacionados à desigualdade de gênero, raça, bem como ao machismo.

Segundo dados da jornalista Renata Cardoso Nassar (2018), 85% das mulheres que trabalham com jornalismo esportivo, já sofreram preconceito e é a partir daí que vem o questionamento: Por que a mulher é tratada com inferioridade no mercado de trabalho, principalmente no jornalismo esportivo especificamente no futebol? A inferioridade percebida da mulher no mercado de trabalho, é um reflexo de desafios estruturais profundamente enraizados na sociedade. Algumas razões para essa disparidade incluem os estereótipos de gênero, cultura machista, androcentrismo, falta de representação e cultura de assédio.

A questão de gênero é um fator historicamente presente no jornalismo esportivo, não apenas no Brasil, mas no mundo. A cobertura esportiva frequentemente reflete e, por vezes, reforça estereótipos de gênero, contribuindo para a sub-representação das mulheres nesse campo, tanto na cobertura quanto na tomada de decisões editoriais.

A desigualdade na cobertura jornalística esportiva, gera um número desigual de mulheres na cobertura, em comparação aos homens, escancarando o poder androcêntrico do homem que frequentemente exerce papéis de superioridade, enquanto as mulheres exercem um papel de inferioridade. Esse nível de inferioridade não está restrito apenas na cobertura, se estendendo para os esportes praticados por mulheres, como argumenta Meirelles (2022, p.42): “A política de discriminação de gênero nunca foi sutil nos esportes. Por milênios, os esportes definiram e validaram a identidade masculina e isso é tão difundido e de senso comum, que é uma forma quase invisível de poder político”.

Isso pode resultar em uma perspectiva limitada e em uma falta de diversidade de vozes.

A beleza da mulher é vista geralmente como o foco principal, fazendo com que seu trabalho e dedicação sejam praticamente nulos. Sendo assim, o simples fato de ser mulher carrega o paradigma de que as mesmas não entendem de esporte, especificamente de futebol, pois geralmente surgem as dúvidas, piadas de mau gosto e comentários de cunho machista, o que as torna mais susceptíveis às críticas relacionadas aos erros (PEREIRA; RITTER, 2019, p.2).

Tendo em vista tal definição, o fato de as mulheres serem vistas exclusivamente pela beleza, dificultam a imagem delas perante a sua capacidade profissional e seu conhecimento no campo do jornalismo esportivo.

Essas práticas escancaram a falta de diversidade nas equipes de produção das notícias no jornalismo esportivo, no que tange em uma representação desproporcional de homens em comparação com mulheres. Afetando diretamente na perspectiva da cobertura jornalística, contribuindo para a reprodução de viés de gênero e reforçando a masculinidade hegemônica, colocando as mulheres abaixo dos homens:

Se os homens no jornalismo determinam as imagens populares do esporte, eles determinam e definem os interesses de seu público e, portanto, limitam o que os espectadores e leitores podem ouvir ou ver. A falta de visibilidade das mulheres em posições-chave no esporte pode, portanto, significar que elas não existem (normalidade). (MEIRELLES, 2022, p.51).

O androcentrismo nas redações do jornalismo esportivo são manifestações que estão interligadas, contribuindo para a perpetuação das desigualdades de gênero. Nas redações, o androcentrismo está presente, quando as escolhas das editoriais que priorizam esportes tradicionalmente associados a homem, ficando para as mulheres, esportes secundários.

Márcia Veiga (2010) destaca a distinção entre as mulheres e os homens, no que se refere ao gênero. Tal afirmação tem como princípio a hierarquização nas pautas das redações, exacerbando o androcentrismo do homem:

Na hierarquia das notícias das notícias, as principais matérias eram fortes, relacionadas ao investigativo, ao risco, etc, isto é, aos assuntos “sérios”. E para este tipo de notícia, os jornalistas propostos eram preferencialmente do sexo masculino, e com determinadas características de gênero consolidadas e reconhecidas por seus pares (VEIGA, 2010, p. 157)

Essa perspectiva contribui para a desqualificação das mulheres, vistas como menos competentes ou interessadas em esportes, reforçando assim a ideia de que o ambiente esportivo é predominantemente masculino. Além disso, a perspectiva androcêntrica resulta em sua maioria na falta de diversidade de vozes e opiniões nas redações.

Em consonância com a perspectiva androcêntrica, está a hierarquização nas redações, que se refere à prática de atribuir diferentes níveis de importância e prestígio a diferentes áreas de cobertura jornalística. Meirelles (2022) defende que tanto o esporte, quanto o jornalismo são campos que produzem hierarquias de gênero.

Além dos desafios de gênero, a desigualdade racial no jornalismo esportivo é uma fato que perpetua disparidades sociais mais amplas na sociedade. Essa desigualdade racial acontece devido a perpetuação e as questões estruturais relacionadas ao racismo sistêmico. A falta de representação de profissionais negros no jornalismo esportivo é evidente em diversos níveis, desde cargos de liderança em redações até a presença nas equipes de reportagem.

As minorias raciais frequentemente são sub-representadas contribuindo para uma perspectiva limitada na cobertura, uma vez que diferentes vozes e experiências não são devidamente incluídas. A falta de diversidade pode levar a uma visão limitada e estereotipada dos atletas e dos eventos esportivos. Essa sub-representação aconteceu com a jornalista Karina Alves, atualmente na editoria de esporte da *TV Globo*. Em entrevista para a *GZH Esportes*, a jornalista disse que no início, quando ainda trabalhava na *RBS TV*, afiliada da *Rede Globo* em Porto Alegre, sentiu a solidão de ter poucas pessoas negras ao seu redor:

Não pude escolher, queria ser repórter de revista, mas fui para a RBS TV como editora de imagem, e achei interessante. Depois fiz um piloto, teste de vídeo e consegui entrar para a reportagem. Foi quando entendi minha solidão. Olhava para o lado e não enxergava ninguém parecido comigo na redação. Éramos apenas eu e o Manoel Soares. Até apareceram outros depois, mas me digam: quais apresentadoras negras estão nos programas esportivos? (GZH Esportes, 2021).

A desigualdade racial também se manifesta na forma como atletas negros são retratados na mídia esportiva, criando um viés racial. Estereótipos e preconceitos podem influenciar a maneira como histórias são contadas, contribuindo para a perpetuação de narrativas que muitas vezes limitam a compreensão da audiência sobre o talento, a habilidade e as complexidades da experiência negra no esporte.

Profissionais negros do jornalismo esportivo muitas vezes enfrentam desafios na busca por oportunidades profissionais, como cargos de destaque, posições de liderança e participação em eventos esportivos de grande visibilidade. A falta de representatividade em cargos decisórios impacta diretamente as escolhas editoriais e a perspectiva adotada na cobertura.

A inserção da mulher negra no jornalismo esportivo é um processo fundamental para promover a diversidade e a representatividade nesse campo. Historicamente, mulheres negras têm enfrentado barreiras significativas, tanto de gênero quanto de raça, em suas buscas por oportunidades e reconhecimento no jornalismo esportivo. Camila Silva, foi demitida da *Rede Globo* em 2018, com a justificativa de que não fazia o perfil de jornalista esportiva, visto que a mesma não tinha familiaridade com a área, tendo algumas dificuldades para exercer a função destinada ao meio esportivo. Ela relatou em entrevista para o *UOL*, o preconceito racial que sofreu quando trabalhava na emissora, por parte de um colega de trabalho:

Quando fui trabalhar na madrugada, um cinegrafista muito amigo meu perguntou: 'Vão te colocar na madrugada? Essa gente está maluca? De noite, como vão fazer para trabalhar a luz com você?'. A preocupação dele era que eu era negra e que eu não ia aparecer [...] (UOL, 2018).

A desigualdade racial no jornalismo esportivo não se manifesta apenas de forma explícita, mas também por meio de discriminações sutis e micro agressões. Comentários, decisões editoriais e ações que menosprezam ou marginalizam profissionais negros contribuem para um ambiente de trabalho desigual e muitas vezes hostil.

Além dessa falta de representatividade, retratando as mulheres jornalistas de forma superficial, na maioria das vezes o físico e sua aparência chegam primeiro que elas próprias. Isso pode influenciar a percepção pública. essa percepção ocorre também com as atletas, que sofrem diariamente, enfrentando desafios, no que se diz respeito ao assédio, seja ele moral ou sexual.

De acordo com a Cartilha sobre Assédio do Ministério Público do Trabalho², o assédio moral caracteriza-se pela exposição dos trabalhadores a situações humilhantes e constrangedoras, de forma repetitiva e prolongada no tempo, no exercício de suas funções. Tais

² Ver: <https://mpt.mp.br/pgt/publicacoes?td=cartilhas>

situações ofendem a dignidade ou à integridade psíquica dos trabalhadores. Segundo o Tribunal Superior do Trabalho, em 2022, a Justiça Trabalhista recebeu cerca de 6 mil denúncias de assédio moral no trabalho.

Em relação ao assédio sexual, o TST registrou mais de 4 mil processos em 2022. Esses dados encaixam frequentemente nos comentários e críticas sexistas que jornalistas recebem em seu ambiente de trabalho, vindos de colegas, atletas, dirigentes esportivos e até mesmo do público. O assédio é predominantemente presente na vida das jornalistas, sendo uma preocupação e um problema persistente na mídia. Esses assédios podem acontecer em um ambiente de trabalho tóxico, em que muitas vezes, o assédio é tolerado ou não é adequadamente abordado pela liderança das organizações de mídia.

Carina Pereira, passou por esse processo de assédio moral na *Globo Minas*, afiliada a *Rede Globo*. Trabalhando na emissora há sete anos, a jornalista se desligou da emissora em 2020, após denúncias contra o seu chefe, que fazia insinuações de cunho machista. A jornalista relatou em seu *Instagram* que enfrentou preconceito na redação do programa:

Sou muito grata pelos sete anos que vivi, mas eu não estava mais feliz. Já tem uns dois anos que aconteceram algumas coisas que foram somando. Enfrentei uma redação de esporte e não sabia que seria tão desafiador assim. Enfrentei muito preconceito por ser mulher e não ser desse meio. No começo eu recebia piadinha de colegas... algum tratamento diferenciado porque eu não era dali. Só que depois começou com meu chefe, meu chefe fazia piada “ah a Carina consegue essa exclusiva porque é mulher (PEREIRA, 2021).

Carina continuou sofrendo insinuações sexistas durante um tempo, com a pandemia, a jornalista preferiu fazer trabalhos home-office, se desligando do programa *Globo Esporte* em que ela apresentava na época do ocorrido. A jornalista tomou a decisão de se desligar da emissora após passar por um processo que impactou a sua saúde mental, chegando a pensar que estava com depressão. Posteriormente a jornalista moveu um processo contra a emissora por sexismo, sendo assim a emissora foi condenada a pagar pouco mais de um milhão e quinhentos mil reais para Carina.

O relato de Carina apresenta as figuras presentes nas situações de assédio sofridos pela mulher, dentre eles o abuso de poder, em que indivíduos com posição de autoridade utilizam desse privilégio para praticar tais atos.

Devido a histórias como de Carina e o assédio a Bruna Dealtry, jornalista do canal *Esporte Interativo* assediada com um beijo sem consentimento de um torcedor do Vasco durante uma transmissão ao vivo, foi criado em 2018 o movimento através da hashtag *#DeixaElaTrabalhar*, que visa a promoção da igualdade de gênero e o machismo no jornalismo

esportivo no Brasil. Este Movimento foi criado por jornalistas, surgindo em resposta a situações em que jornalistas mulheres enfrentam discriminação, sexismo e obstáculos profissionais em suas carreiras no jornalismo esportivo. Ele destaca a importância de criar um ambiente de trabalho mais inclusivo, onde as mulheres possam exercer suas funções de maneira igualitária e sem preconceitos de gênero.

O uso de hashtags como *#DeixaElaTrabalhar* nas redes sociais é uma maneira de criar visibilidade para essas questões, gerar discussões públicas e pressionar por mudanças. Esses movimentos são parte de esforços mais amplos para superar desafios de gênero no campo do jornalismo e promover uma representação mais equitativa nas redações esportivas.

Existem inúmeros casos, sejam eles no Brasil ou no mundo. A jornalista italiana Greta Beccaglia, foi vítima de assédio em novembro de 2021, durante uma transmissão ao vivo de um jogo do Campeonato Italiano masculino de futebol. Um torcedor cuspiu nas mãos e deu um tapa nas nádegas da jornalista. Em entrevista para a revista *Marie Claire*, a profissional expressa sua angústia e dor em relação ao incidente, destacando como se sente afetada emocionalmente. “Me sinto machucada e com medo da indiferença que as pessoas demonstraram durante todo o episódio”. Durante a entrevista, Greta relata a denúncia feita contra o homem já identificado.

No Brasil, a Lei de nº 13.718, que entrou em vigor em 24 de setembro de 2018, prevê o crime contra a liberdade sexual. Desta forma, “o artigo descreve como crime o ato de praticar ato libidinoso (de caráter sexual), na presença de alguém, sem sua autorização e com a intenção de satisfazer lascívia (prazer sexual) próprio ou de outra pessoa”. Ainda de acordo com o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, a pena para esse tipo de crime é de 1 a 5 anos de reclusão, isso se o ato não constituir crime mais grave.

Em resumo, abordar as desigualdades de gênero, raça e machismo no jornalismo esportivo requer esforços contínuos para promover uma cultura mais inclusiva e diversificada, tanto nas redações quanto na cobertura jornalística em si.

Apesar dessa desigualdade, a equidade no campo do jornalismo esportivo vem acontecendo gradativamente. A jornalista Ana Thaís Matos foi a primeira mulher a comentar um jogo de futebol na Copa do Mundo de futebol masculino no Qatar, em 2022. Em entrevista ao *GI*, em novembro de 2023, Ana destacou a importância de mulheres na cobertura do jornalismo esportivo, reforçando a representatividade na telinha. Essa evolução desafia os paradigmas estabelecidos, promovendo uma indústria mais inclusiva e reflexiva da diversidade da sociedade.

Para abordar esses desafios, especialistas sugerem que empresas de mídia e organizações esportivas adotem políticas e práticas que promovam a igualdade de gênero. Isso

inclui a implementação de programas de diversidade, a promoção de uma cultura organizacional inclusiva, e o combate efetivo ao assédio sexual no local de trabalho. A conscientização sobre essas questões e a promoção de discussões abertas podem ser passos importantes na busca por um ambiente de trabalho mais igualitário no jornalismo esportivo.

As desigualdades tanto de gênero, raça e machismo estão presentes em todos os âmbitos da sociedade. Esse fenômeno pelo processo de patriarcado atingiu também o jornalismo esportivo, especificamente as mulheres. Assim, relatos de jornalistas mulheres são fundamentais para o entendimento dessas práticas em nossa sociedade.

CAPÍTULO 04 - Desigualdade de gênero no jornalismo esportivo

As entrevistas que são objeto desta monografia, foram realizadas ao longo dos meses de outubro e novembro de 2023. A entrevista com Jordana Araújo foi realizada no dia 23 de outubro de 2023. Com Kelen Almeida no dia 06 de novembro de 2023; e por fim, com Duda Gonçalves, no dia 07 de novembro de 2023.

A escolha das três jornalistas tem pontos importantes a serem destacados (além do machismo como eixo temático): a escolha por Jordana, parte do princípio de que ela, apesar de possuir poucos anos de carreira, já tem uma bagagem e características fundamentais para o objeto, como a conciliação da maternidade, as desigualdades de gênero e de raça, que também são pertinentes para sua escolha. Já a escolha por Kelen partiu do interesse de entender como era sua visão sobre o machismo desde que começou sua carreira como jornalista da área em há 23 anos até os dias atuais. Por fim, a escolha por Duda partiu de um interesse particular, por conhecer o trabalho da jornalista e entender as pautas que ela levanta. Além da desigualdade de gênero, Duda, assim como Jordana, sempre reforça as desigualdades raciais no meio que está inserida.

A partir das características das três jornalistas, será possível identificar a representação do objeto de pesquisa: a presença do machismo no na área de atuação. A coleta das informações foi essencial para o entendimento do machismo e a perspectiva de cada uma das jornalistas em suas vivências no jornalismo esportivo. Cada profissional entrevistada apresenta diferentes estilos de fazer o jornalismo, mas tem algo em comum: a vivência do machismo no jornalismo esportivo.

4.1. Jordana Araújo

Jordana Araújo tem 30 anos e é natural de Osasco, na grande São Paulo (SP). Seu interesse pelo jornalismo e pelo esporte é enraizado em sua origem na periferia de Osasco, onde cresceu em uma família que sempre esteve conectada ao universo do futebol e de outros esportes. Desde a infância, ela expressou sua paixão pelo futebol, decidindo aos 12 anos que queria ser jornalista para falar sobre esse esporte que tanto a cativava.

Embora tenha enfrentado desafios econômicos e sociais em sua jornada, Jordana recebeu apoio integral de sua família. Trabalhou como babá, vendedora, arquivista e recepcionista antes de ingressar na *CEAGESP* como caixa e, posteriormente, como escriturária.

Foi durante esse período que ela iniciou sua primeira faculdade de jornalismo em 2013, mas teve que interrompê-la quando descobriu sua gravidez em 2014.

Após dedicar-se à maternidade, Jordana retomou seus estudos em 2016, obtendo uma bolsa e trabalhando no Centro Logístico do *Grupo Pão de Açúcar*. Em 2019, decidida a voltar ao jornalismo, reiniciou a faculdade e recebeu um convite da Federação Paulista para participar das transmissões 100% femininas. Sua retomada na faculdade implicou recomeçar do zero, mas a decisão provou ser acertada, proporcionando uma perspectiva atualizada e enriquecedora.

Jordana conta com uma trajetória notável no campo do jornalismo esportivo. Com uma experiência de dois anos e 11 meses na *BandNews FM*, sua jornada começou como estagiária em janeiro de 2021, sendo efetivada em novembro de 2022. Além de sua atuação na *BandNews FM*, ela desempenha papéis significativos em outras esferas, colaborando nos canais oficiais da Federação Paulista, tanto para o futebol feminino quanto para o masculino. Atualmente, a jornalista integra o time de comentaristas de esportes da *Rede Globo*.

4.2. Kelen Almeida

Kelen Cristina, com 48 anos de idade, tem uma sólida trajetória profissional, é uma figura emblemática no jornalismo esportivo. Com uma notável permanência de 23 anos no jornal *Estado de Minas*, ela observa com uma perspectiva única as transformações na dinâmica de carreira ao longo do tempo. Expressando uma paixão de longa data pelos esportes, especialmente pelo vôlei, desde a infância, Kelen escolheu o jornalismo como sua vocação natural, sem considerar alternativas.

Graduada pela *UniBH*, anteriormente *FAFI-BH*, Kelen teve uma oportunidade única ao participar de um curso promovido pelo Jornal Estado de Minas em parceria com consultores espanhóis. Este curso, realizado em 1997, teve um impacto significativo em sua abordagem jornalística, enfocando a busca por personagens e a narrativa mais humanizada das histórias. A imersão nessa perspectiva influenciou a profissional que ela se tornaria.

Ao finalizar o curso, Kelen ingressou no jornal *Estado de Minas*, em 1998, inicialmente como terceirizada e, posteriormente, como contratada de carteira assinada. No entanto, em 1999, devido a mudanças internas, ela deixou o jornal temporariamente, experienciando a assessoria de imprensa na Prefeitura de Belo Horizonte e um período de estudos na Austrália, que, segundo ela, foi transformador em sua independência e amadurecimento.

O retorno ao *Jornal Estado de Minas* ocorreu de maneira inesperada após sua viagem, solidificando sua relação contínua com a instituição desde abril de 2001. Sua jornada dentro do

jornal abrangeu diversas funções, desde trainee e repórter até colunista e sub-editora, marcando uma trajetória versátil e enriquecedora.

Durante a pandemia, Kelen passou por uma transição para o meio online, atuando como sub-editora no site do jornal *Estado de Minas*, antes chamado *Superesportes*, e, posteriormente, participando da reestruturação e lançamento do site *No Ataque*. Atualmente, ela desempenha o papel de sub-editora no *No Ataque*, simultaneamente sendo colunista tanto no *Estado de Minas* quanto no referido site, consolidando seu papel como uma profissional multifacetada e comprometida com a evolução do jornalismo esportivo.

4.3. Duda Gonçalves

Duda Gonçalves tem 24 anos, ela sempre teve uma afinidade com a leitura e a escrita, destacando sua comunicação expressiva. Inicialmente desprovida da intenção de seguir carreira no jornalismo, a profissional viu-se diante da incerteza sobre seu futuro ao ingressar no ensino médio. Nesse contexto, professores a orientaram a explorar a área da comunicação, apresentando as opções de jornalismo e publicidade e propaganda. Mesmo estudando em uma escola pública, a entrevistada enfrentava a indecisão em relação ao próximo passo: a escolha da faculdade. Duda iniciou seu percurso acadêmico na área da comunicação após sugestões de professores no ensino médio. Inicialmente, obteve uma bolsa para cursar Publicidade e Propaganda via Sisu, mas percebeu que essa não era sua vocação, optando por buscar uma bolsa integral para a graduação em Jornalismo na *Newton Paiva*, em Belo Horizonte.

Durante sua jornada universitária, demonstrou atividade constante e participou do projeto "Comentarista Júnior", uma parceria entre a *Newton Paiva* e a *Rádio Inconfidência*. Sua experiência abriu portas para estágios no marketing digital no Estado de Minas e na emissora Alterosa. A destacada voz da profissional chamou a atenção do coordenador de esportes da Rádio Inconfidência, levando-a a assumir o cargo de repórter e narradora.

A carreira da profissional teve um ponto significativo em 2019, quando aceitou o convite para integrar a *Galo TV*, a plataforma de mídia do *Clube Atlético Mineiro*. Entretanto, sua dedicação ao setorismo do *América Futebol Clube* e o desejo de retornar à narração a levaram a participar do processo seletivo "Narra" da *ESPN*, em que se destacou entre os candidatos e conquistou uma posição como narradora. Seu envolvimento nas transmissões das competições Libertadores e Sul-Americana abriu portas para uma proposta de se tornar repórter setorista em Belo Horizonte para a *ESPN*.

Atualmente, a profissional desempenha o papel de repórter setorista dos canais *ESPN* e *Disney* em Belo Horizonte, com projetos adicionais dentro da emissora. Sua trajetória, embora breve, é marcada por experiências multifacetadas e uma notável ascensão na área do jornalismo esportivo.

4.4. O machismo que se repete

O machismo está intrinsecamente ligado aos estereótipos de gênero, contribuindo para a perpetuação de normas sociais que prescrevem comportamentos e papéis específicos para homens e mulheres. Ele é visto como uma forma de desvalorização ou inferioridade, tendo a mulher em uma posição de submissão e a dominação masculina. A partir disso, a análise que será feita posteriormente tem como princípio ver indícios de machismo nos bastidores da notícia através das entrevistas das profissionais citadas anteriormente.

O jornalismo esportivo é um prato cheio para as práticas de machismo contra as profissionais. Para Jordana Araújo (entrevista pessoal, 23 de outubro de 2023), o machismo está presente de forma estrutural na sociedade:

Bom, tem muito dessa questão de que as pessoas condicionam uma mulher nessa posição à falta de mérito, né? Tipo que a mulher não tem a capacidade de estar ali, a falta de capacidade, né, de ocupar esses espaços. Então a gente tem uma pressão natural, que é a pressão pessoal de você. É aproveitar bem esse espaço e conseguir transformar essas oportunidades em algo legal. Então tem isso e tem essa questão da falta de mérito dos caras condicionarem a tudo, menos à qualidade. Isso passa muito pelo machismo estrutural, né? Que a gente tem também que pautar muita coisa, né? Ainda falta muito. Ontem, eu tava numa zona mista e tinham três mulheres para quase 15 homens trabalhando ali, né? E eu vejo colegas, por exemplo, tem uma colega que trabalha em Minas Gerais, que é a Duda Gonçalves. Ela numa coletiva, só ela de mulher. E quando tem outra, só ela de mulher preta. Ontem a mesma coisa, só eu de mulher preta no meio da coletiva. Então passa muito. Passa muito por isso também, sabe, pelo machismo estrutural que tá enraizado na comunicação esportiva. A gente avançou muito, mas ainda tem muito, muito a avançar. Para mulher, o acesso é mais difícil e quando esse acesso acontece, a gente sofre muito com muitos ataques, né? Eu sou constantemente bombardeada por ataques de homens que simplesmente não concordam ou não gostam do que eu falo. Eles acham no direito de, na rede social, falar várias coisas e falar tudo que eles querem e às vezes assim, um colega homem fala uma bobagem, é de uma forma igual ou até pior, não tem toda essa repreensão, né? Então ainda é um ambiente hostil, mas a gente tá avançando (ARAÚJO, 2023).

Outros reflexos do machismo no mercado de trabalho são refletidos por Jordana. Mãe de Pietro, ela analisa que a presença do mesmo, fortaleceu seu desejo de chegar no patamar que

ela se encontra nos dias atuais, reforçando também a dificuldade da mulher preta no mercado de trabalho em que elas são colocadas em lugares de submissão:

Sem dúvidas, a maternidade, ela primeiro que ela me traz assim, eu sempre fui uma pessoa muito centrada, muito pé no chão. Embora o Pietro, ele não tenha sido planejado, ele foi uma criança muito amada e eu assim, não tô romantizando nada, tá? Mas ele foi uma criança muito amada e que me trouxe uma maturidade assim absurda, trouxe uma maturidade para uma mulher de 21 anos, né? [...] Porque a gente, quando vai falar de uma mulher preta no mercado de trabalho de um modo geral, a gente é sempre colocada numa condição abaixo, né? A gente sempre é subestimada, né? Ao longo da minha vida, por todos esses locais que eu passei, sempre foi nessa posição de ser subestimada, né, a pessoa me dá oportunidade e aí quando chega lá, poxa, você é boa, né? Não parece, chega a ouvir esses absurdos assim, né? E hoje, por exemplo, eu olho para trás e falo cara. Acho que se não fosse o Pietro não teria aguentado metade das coisas que eu aguentei para chegar até aqui, então é um fator determinante para me manter em pé, para me manter firme em busca de uma oportunidade de um modo geral no mercado de trabalho (ARAÚJO, 2023).

Ao ser perguntada sobre as questões de gênero no seu ambiente de trabalho, a profissional relata que ainda existe um ambiente majoritariamente masculinizado na *Band News FM*, onde ela trabalhava até o momento da entrevista. Para ela, esses espaços necessitam de mudanças e da presença das mulheres, gerando assim uma equidade:

A Band News FM era a única rádio com duas mulheres. Reportagem de campo, três. No início do ano, e aí depois saiu a Juliana e a Maloka. Eu continuei com a minha colega Aline Fanelli. Mas ainda assim, é um espaço majoritariamente formado por homens, né? Em todos esses espaços que a gente vai, ainda tem muito a avançar nesse sentido. Ainda as redações, ainda tem muito a avançar no espaço para mulher e principalmente no espaço para mulheres pretas, né? Para que a gente também fuja desse conceito do totem, né? Só ter uma para ser totem de situações x ou y que acontece. [...] A gente ainda tem que avançar, né? Discrepância muito grande assim nas redações de um modo geral, né? Falta muito para a gente chegar aí na equidade de gênero, né? Eu tenho grandes colegas que não têm a oportunidade, que estão fora do mercado, né, formal, por exemplo, por falta de oportunidade. Então as empresas precisam olhar para essa pauta, né? Ainda vai de frente com o que eu falei na última resposta, né? As empresas, de modo geral, precisam olhar com atenção, né. É muito triste você olhar para a Band News FM e entender que ela é a única rádio que tem duas mulheres fazendo jornalismo esportivo, né? As outras emissoras, elas são majoritariamente ocupadas, feitas por vozes masculinas, então ainda tem muito a melhorar nesse sentido (JORDANA, 2023).

Apesar de estar em um ambiente majoritariamente masculino, Jordana tem respaldo dos seus chefes para realizar pautas, das opiniões e que não tem machismo na *Band News FM*:

Sim, tenho. Trabalho numa redação que é muito aberta nesse sentido, né? Uma casa que permite essa abertura, para a gente levar pausas nesse sentido, levantar esse tipo de questão. É uma casa que abomina esse tipo de ofensa, esse tipo de ataque. Então, nesse sentido, a gente tem o respaldo. Posso dizer que eu tenho respaldo sim da redação da BandNews FM para lidar com essas

questões, né? Então, o apoio da casa não falta, né? O que a gente tem que olhar mesmo é a formação da nossa sociedade e, no modo geral (JORDANA, 2023).

Ao ser questionada sobre suas habilidades, Jordana destaca que frequentemente as pessoas expressam surpresa ao ouvirem ela discutir sobre futebol. Essa reação é reflexo de estereótipos de gênero que presumem que mulheres não são tão versadas ou interessadas em esportes, especialmente em um contexto dominado por homens como o futebol:

São várias assim, é dentro do trabalho mesmo, dentro desses espaços em que eu era contratada como freela. O cara tá trabalhando do meu lado assim e aí viro para o lado dele, “você é boa, né?” Ou eu tô aqui fazendo um trabalho de câmera, “nossa, comentarista, você é boa, né?”. São várias situações assim, né? Mas colegas de trabalho ou torcedor que tá ali perto mesmo e ouvindo e acaba soltando e assim, são várias situações, que passam por esse racismo, que tá enraizado, das pessoas olharem uma mulher preta e não verem nela uma figura de jornalista competente e capacitada para estar ali falando de futebol, né? Mas são inúmeras assim, inúmeras situações em que esse tipo de postura aconteceu e acabou acontecendo (JORDANA, 2023).

Ser uma mulher preta e de periferia no jornalismo esportivo representa enfrentar uma série de desafios únicos. O preconceito racial e social pode influenciar significativamente a forma como somos percebidas e tratadas nesse meio. Essas barreiras adicionais podem dificultar nossa ascensão profissional, bem como limitar as oportunidades disponíveis para nós. O preconceito não apenas afeta a trajetória individual, mas também pode moldar a maneira como somos vistas pela sociedade e pelos colegas de trabalho. Jordana vivencia as questões raciais e fala sobre a dificuldade da presença da mulher preta nesses ambientes:

Cara, entra muito no conceito de racismo estrutural, institucional que a gente tem, né? Porque esses espaços, de um modo geral, eles não são ocupados por pessoas pretas. Hoje a gente tem algumas pessoas ocupando, mas ainda assim causa muita estranheza, né? Eu tô aqui com meu afro Puff, né? Mas eu sempre tô nesses espaços com black power. Quando não é o black power, é com trança nagô, é com dread. E tudo isso sempre causou muita estranheza, né? Então começa primeiro por essa característica, né, de chegar nos lugares e as pessoas incomodam se incomodarem muito com os meus traços, com cabelo, com traço, né? “Pô, mas você entra no ar assim com esse cabelo, né?” E quando, principalmente, eu comecei a fazer os jogos da Federação Paulista e eu ia para os estádios, né? Frequentava os estádios várias vezes, eu fui barrada, mesmo com credencial no peito, mesmo com identificação, sou barrada. Porque a pessoa olha e não condiciona a figura de uma mulher preta com black power à figura de jornalista, né? Então tem muito disso e passa muito por essa questão racial e ou por essa questão de racismo estrutural, institucional que a gente tem. Então é muito difícil, é muito difícil, mas a gente tem agora alguns colegas, né? Que já estão ocupando esses lugares, mas ainda assim a gente passa por situações constrangedoras assim. Então ainda é muito difícil, mas proporcionalmente é muito grandioso para mim. Estar nesses espaços, encontrar meninas pretas que ficam felizes de me ver lá e que se sentem potencializadas, encorajadas de trabalharem mostrando Black, sabe, é trabalhar mostrando ali os seus traços, né? Porque eu não tive, né? As minhas referências dentro da comunicação, referência preta era fora do jornalismo. De

mulher era Glória Maria e ela não tava propriamente no jornalismo esportivo, né, de fora do jornalismo mais no jornalismo esportivo, tinha um Abel Neto que era o único repórter preto da minha época, ali de adolescência, de adolescentes ele era a única referência preta mesmo no jornalismo esportivo e eu senti muita falta disso porque eu sempre tive muito apoio da minha família, minha família sempre abraçou esse sonho, sempre me impulsionou muito, mas as pessoas de fora sempre faziam comentários maldosos assim, né? Tipo? “Ah, você não tem perfil de TV, né? Você não tem perfil para chegar nesses lugares, né?” Você não é bonito o suficiente para estar nesses espaços, isso durante muito tempo me machucou. Então eu acho muito importante, estar nesse lugar. Com black power, com os traços, com as características que são só nossas para que as outras meninas que tenham vontade e não precisem ser propriamente do jornalismo esportivo, mas que tenham vontade de entrar na comunicação se sintam representadas e saibam que elas podem chegar independente de traço, de cabelo, do que elas quiserem usar, sabe? Então é difícil, mas proporcionalmente é de uma responsabilidade de um orgulho absurdo ocupar esse espaço (ARAÚJO, 2023).

Além das questões de machismo, desigualdade de gênero e raça no seu ambiente de trabalho, Jordana relata que a sexualização está presente nesses ambientes a partir do momento em que a beleza da mulher chega primeiro que suas capacidades de exercer seu trabalho de forma versada:

Então ainda existe muito essa. E aí entra no conceito que a gente estava falando de machismo mesmo. De que a mulher, ela só tem a capacidade de estar na frente de uma tela se ela for bonita, né? Ou apresentava o padrão aceito, construído ao longo desses últimos anos e aí às vezes essa do lance da qualidade mesmo ou do que ela entrega, acaba ficando em segundo plano. Ainda existe muito disso, mas em contrapartida, eu posso dizer que existe uma galera que batalha para mudar, para quebrar esse conceito que a gente tem, né? Essa padronização relacionada ao jornalismo esportivo da mulher. A gente tá buscando quebrar tudo isso a base de muita luta e de muita união também (ARAÚJO, 2023).

Para Jordana ainda falta iniciativas ou programas de inclusão para a solidificação das mulheres nos ambientes do jornalismo esportivo, sendo algo a ser discutido e rebatido em todas as empresas que buscam a equidade em suas equipes:

Sim, mas tem que ter uma abertura, né? Tem que ter aí uma força de vontade para absorver o conceito, né? Porque a diversidade, as pessoas condicionam ao fato de só trazer a pessoa preta ou a mulher para trabalhar ali tá tudo certo. Eu acho que faltam aprofundamento de um modo geral, em todos os lugares faltam aprofundamento de discussão dessas pautas, né? De se procurar ali uma forma de combater o que precisa ser combatido e de educação mesmo paralelo ao racismo, ao machismo o que é mesmo, para quebrar estereótipos, para quebrar conceitos pré-determinados, né, de sociedade, né? As pessoas não sabem conceitos propriamente de racismo, não sabem o conceito de feminismo, né, da luta feminista. Então a gente tem que ter uma força-tarefa conjunta para poder aprofundar essas pautas e para que de fato a gente tenha mudança nas redações (ARAÚJO, 2023).

Por fim, Jordana confessa que ainda sente quando sofre algum tipo de machismo ou preconceito, seja ele velado ou não. A profissional salienta a importância de transformar esses sentimentos em forças para que gerações futuras não passe pelo que ela vem passando frequentemente:

Calejada, não dá para falar, porque a gente é atravessado o tempo todo, né? Eu particularmente sou muito atravessada, mas eu escolhi, fui obviamente me moldando. A forma como eu lido com essas coisas, então ainda sou atravessada, ainda machuca, ainda dói, mas em contrapartida, eu tento transformar isso em força. Para mudar, para que as próximas gerações de meninas e mulheres que queiram trabalhar com comunicação esportiva e de um modo geral, tenham um ambiente mais acolhedor, mais modificado, com mais diversidade, com mais espaço para a gente, né? Então ainda sou atravessada, ainda machuca assim, mas a gente tenta reverter isso em combustível para mudar (ARAÚJO, 2023).

Em consonância com Jordana, Kelen Almeida (entrevista pessoal, 06 de novembro de 2023), com uma carreira de 23 anos no jornalismo esportivo, relata que antes ela não percebia o machismo presente no jornalismo esportivo, mas que hoje consegue enxergar esse fenômeno:

[...] hoje a gente vê situações que nos remetem ao machismo, na pior no pior lado, se é que existe um pior lado, mas a face nefasta do machismo, porque são as mulheres sendo assediadas. Às vezes, até da mulher tá trabalhando lá fazendo ali, né? Entrando ao vivo e um cara chega sem o direito de beijar a mulher, pegar nela, abraçar. Então, assim, você vê que não diminuiu o machismo. Aumentou a presença feminina, mas os obstáculos ainda são grandes. Você ainda vê, por exemplo, um ano ou pouco mais de um ano? Um ano um pouco mais longe, o Guto Ferreira era treinador. Ele deu uma resposta atravessada com uma repórter, né? [...] Então, o que eu acho que mudou é que hoje essas coisas não estão passando em silêncio mais, sabe? A mulher tem mais voz e tem mais vozes, mais mulheres para encampar a briga quando acontece alguma coisa com uma. Então, ninguém acha mais engraçado como antigamente achava que era natural. Você tá, a mulher tivesse ali fazendo uma reportagem, chegar um cara dar um beijo nela, ninguém ia, não teria reação que a gente tem hoje, né? As pessoas riam, achavam engraçado. 'Ah, é assim mesmo, tá no campo de futebol', mas não é assim mesmo, né? Eu, graças a Deus, eu nunca passei nenhum episódio assim desses, assim, mas eu tive algumas situações ao longo desses 23 anos que até isso eu acho que mudou a consciência da mulher sobre o que é machismo, sabe? De ela estar sofrendo um episódio machista (ALMEIDA, 2023)

Kelen relatou um episódio machista que antes ela não percebeu, mas com o passar dos anos, ficou nítido para a profissional: a não ida a Copa do Mundo de futebol masculino da África do Sul, em 2010, como repórter. Na ocasião, foi escolhido um homem com as mesmas habilidades que ela e com menos tempo de casa:

[...] eu sei que quando teve uma Copa do Mundo, o escolhido foi um repórter homem. Porque eu sou tipo assim, ele não fazia nada além do que eu fazia, ele não fazia nada melhor do que eu, porque seria? Ele não tinha mais tempo de casa que eu e ele não tinha, no trabalho dele, um diferencial que eu não tivesse,

sabe? Não era nada, até antes disso, foi na Copa da África do Sul em 2010, eu tinha nove anos de empresa, né? E até antes disso, eu acompanhava o ciclo de quem era repórter. Era, né? Cobrir a seleção, ia para eventos grandes eventos. Quando chegou a Copa de 2010, não tinha uma pessoa, um repórter específico que a pessoa que era o repórter que cobriu a seleção tinha saído da empresa. Hoje eu vejo como um ato assim, um machismo dentro da redação. Na hora de escolher quem ia para a cobertura da Copa do Mundo, o olhar mais natural foi para um homem, sendo que ele não fazia nada além, sabe? Então, isso é machismo também você não ter condições de igualdade dentro do seu ambiente de trabalho, né? (ALMEIDA, 2023).

Apesar desse episódio, Kelen não nega as oportunidades que teve no jornal *Estado de Minas*. A jornalista que está na casa há mais de duas décadas discorre os trabalhos que tem no jornal e que o jornalismo atual possui um número maior de mulheres, mas o machismo ainda está presente:

Mas assim, eu sempre tive oportunidade, eu fui escolhida colunista. Até hoje nisso, eu tenho a coluna Tiro Livre, que é o nome da minha coluna, é desde 2008. Então, já tem 15 anos que eu tenho coluna, então, eu sei que eu recebi oportunidades e fiz jus às oportunidades até hoje. Aí, subi degraus dentro da empresa. Virei sub-editora. Tô com a responsabilidade agora no ataque de gerir essa equipe nova, tipo, quase que 50% da equipe foi remodelada, sabe, em relação ao que a gente tinha 7 meses ainda mais, né? No início do ano, em janeiro, a equipe que começou o ano e o que a gente tem hoje é 50% diferente, sabe, que a gente teve que remodelar. Então, eu vejo que o jornalismo atual tem mais mulheres, têm mais voz. Essas mulheres têm mais voz, têm mais espírito coletivo pra chamar atenção pros problemas. Mas o machismo ainda tá aí, então, acho que o que aumentou foi, talvez, a gente hoje tem um megafone pra apontar as situações de machismo. Isso veio muito com a internet, é um dos benefícios das redes sociais, né? Talvez uma das ferramentas assim mais importantes para o bem, mais positivas da rede social, é isso? A gente dá dimensão ao que precisa ter dimensão. E aí, as mulheres ganharam isso e ganharam a força coletiva maior para apontar situações (ALMEIDA, 2023).

Os estereótipos de gênero continuam a exercer uma influência significativa no tratamento e nas oportunidades oferecidas às mulheres no jornalismo esportivo, conforme discutido anteriormente, como no caso durante a Copa do Mundo de futebol masculino de 2010. A perspectiva sobre essa questão destaca a persistência de desafios e obstáculos enfrentados pelas mulheres nesse meio, onde normas sociais e expectativas de gênero ainda podem influenciar negativamente a forma como são tratadas e as oportunidades que lhes são concedidas. Para Almeida, ainda existe a influência das questões de gênero nas oportunidades para as mulheres do jornalismo esportivo:

Sim, o estereótipo de ser mulher, embora, eu vejo, igual eu tô te falando, pequenas mudanças. Eu acho que hoje tem pessoas mais conscientes de que isso não é bacana e estão tentando combater isso. E eu falo pela minha experiência, das pessoas com as quais eu convivo, as pessoas do meio que eu vejo, né? Então, primeiro, para esse aspecto do estereótipo de ser mulher, de

achar que a mulher não vai dar conta, ou a mulher vai ter filho, né? A mulher vai tirar a licença maternidade, vai se ausentar do trabalho, a mulher. Então, é assim, eu acho que ainda existe, porém já vejo movimentos para chamar a atenção para isso, sabe? E o estereótipo no sentido estético visual que é o da TV, né? Porque aí vale para TV, rádio, para jornal nem tanto, mas também acho que tem mudado. Mas é muito pouco, né? A gente vê assim, tem mudado quando eu falo tem mudado é tudo, eu acho que é muito passos lentos (ALMEIDA, 2023).

Além das questões de machismo e de gênero, a profissional também relata questões sexistas. Almeida presenciou um ato de machismo e ao mesmo tempo sexista em um lançamento do Atlético:

[...] o Atlético fez um lançamento de uniforme e colocou meninas desfilando de biquíni. Mas não tinha biquíni na coleção do uniforme. Tipo, não justificava ter biquinho. E aí, eu escrevi uma coluna sobre isso. Então, se fosse uma coleção que se fizesse parte da coleção, está lançando uma coleção de biquíni, ok? Aí, você coloca mulher de biquíni, coloca um homem de sunga, criança com roupa de praia, tudo bem? Agora, numa apresentação de uniforme de time de futebol, você colocar a menina de biquíni é exploração do corpo da mulher, não tem outra visão para isso. E aí, um dos assessores do Atlético me ligou, e ele me ligou. Ele ficou quase uma hora comigo no telefone, eu estava lá. Por que que eu não cheguei para ninguém do Atlético e falei lá na hora da do desfile? Tipo, ele foi colocando uns argumentos que eu falei, espera aí, você tá falando, você me ligou, mas você ligou para fulano, ciclano, fui nomeando as pessoas que eu tinha visto falando também, sabe, homens. Falei você ligou para esse jornalista que estava na televisão hoje de manhã falando nesse assunto, você ligou para esse outro aqui, ele falou isso, e ele só tinha reclamado comigo que era mulher. Então, assim, até isso você vê que é uma, acho que eles acham mais fácil, né, você ir lá conversar com a mulher e tal. E então, isso são vários episódios pontuais que eu vou lembrando assim de machismo e que hoje nós temos, até homens que se conscientizaram, que eles também, homens que eu digo colegas, né, na no jornalismo, que eles também têm que dar couro a essa luta contra o machismo (ALMEIDA, 2023).

Kelen cita outro caso de machismo e sexismo: as “musas” presentes nos estádios de futebol.

Uma coisa que era natural no jornalismo esportivo, nesse estereótipo machista e aí eu te falo que é quem comanda e a cabeça, o espírito questionador de quem chega depois era tal de musas matérias sobre musas. Musa no estádio, uma musa da Copa, né? Tinha uma Copa do Mundo Feminina, as mais bonitas da Copa do Mundo Feminino. E se você notar bem, a quantidade de matérias com esse mote tem diminuído, porque as pessoas estão criando esse senso crítico. Você não vai falar de uma atleta por causa da beleza dela, você vai falar de um atleta pelo rendimento [...] (ALMEIDA, 2023).

Para mudar o ambiente e torná-lo diverso, Kelen diz que é necessário esforços por parte das empresas. promovendo assim, a equidade de gênero, o que vem acontecendo no jornal Estado de Minas:

Eu acho, como eu falei, que isso faz parte da empresa, as coisas acontecem mais rapidamente, mas com efetividade. Igual quando houve a criação dessa editoria do Diversa no estado de Minas, aí você vê como as coisas andam, sabe? Você abriu o espaço, você tem pessoas, você dá a voz à pessoa, tem colunistas muito bacanas lá. Qualquer hora você entra lá na editoria, muito bacana. Então, eu acho que a gente, quando a gente tem que se determinar a abrir um espaço, se é uma política da empresa, você não precisa ser obrigado a abrir o espaço, já vem uma determinação, né? Mas enquanto não tem isso, tem que partir de nós. Então, assim, eu vejo as empresas ficando mais conscientes. Eu não quero dar aquela impressão de que eu tô satisfeito, que eu tô achando tudo maravilhoso, não tá? Mas é por ver que tem um movimento de mudança. A mudança não aconteceu da forma que é tão generalizada como ela deveria acontecer, com a força que ela deveria acontecer, com a imposição que ela deveria ter, mas eu vejo focos de mudança em vários lugares. Então, quando eu ouço falar disso, a Globo tá querendo contratar mais mulheres comentaristas e começa a aumentar o número de mulheres comentaristas nas bancadas. Então, assim, caras novas (ALMEIDA, 2023).

Contudo, Kelen diz que a determinação é foco principal para quem queira seguir nesta área do jornalismo, mesmo que tenha obstaculizar a profissional garante que a sororidade é um dos movimentos para as mulheres que querem o jornalismo esporte como profissão:

Não é uma notícia boa que exista machismo, mas existem mais mulheres ao seu lado. Então, isso aí, você pode saber que dificilmente você vai estar sozinha numa luta. É por mais que muitos momentos a gente se sintam sozinho, a primeira coisa que eu acho que em qualquer área, não só no jornalismo esportivo, que eu diria para uma pessoa, qualquer área, você vai começar, você se preparar bem, você gosta daquilo, você vai se preparar porque na hora que a oportunidade aparecer, talvez você tenha uma oportunidade de mostrar seu trabalho (ALMEIDA, 2023).

Em conformidade com Kelen, Duda Gonçalves (entrevista pessoal, 07 de novembro de 2023) relata que já sofreu machismo, mas de forma implícita e que a todo momento ela tem que se provar boa o bastante para que se sobressaia na profissão:

É machismo sim. Acho que é inevitável, essas provações, né? A gente tem que se provar duas vezes melhor, enfim, eh, ser preterida nas relações masculinas, né? Até assim, o machismo explícito, eu acho que não, porque é isso, agora que eu tô indo para um mercado que não me conhece, porque aqui eu sempre estabeleci algumas relações, sempre tem muito respeito. Nunca dei muita liberdade. Então, assim, óbvio que o machismo acontece, principalmente, mas principalmente eu nunca dei nenhum tipo de brecha para que ninguém fizesse isso comigo, sabe? Eu sempre devolvi muito na mesma moeda, mas já vi. Já presenciei colegas que sofreram machismo e esse entretenimento também, o racismo também, explícito não é, até porque é crime, então eu sempre gosto de deixar isso bem claro (GONÇALVES, 2023).

Duda também cita outros exemplos de machismo que sofreu. A jornalista relata o incômodo que sentiu ao fazer a cobertura do clássico mineiro em 2023 e ter ela e outra colega

de profissão na coletiva de imprensa do técnico do Cruzeiro. Fora a disparidade de homens na tribuna do Mineirão durante um jogo entre Cruzeiro e Internacional:

A gente se acostuma por uma questão de sobrevivência, porque eu sou a única mulher e não vai adiantar eu, enfim, brigar para não ser ali naquele momento em que eu preciso fazer o meu trabalho, mas ao mesmo tempo a gente não se acostuma, porque é isso, você, eu olhei foi quarta-feira, quarta-feira eu fiz Cruzeiro e Internacional e aí em algum momento eu parei para pensar, tava pensando sobre muitas coisas e eu contei alguns jornalistas já tinham até saído da sala e eu contei de profissionais homens tinham mais de 30. E tínhamos eu e uma outra repórter da Rádio 98, a Gabi, duas mulheres para para o momento que eu contei já depois do fim da coletiva tinham 30 homens ali e isso nesse momento. Eu não contei na Tribuna poderiam ter, sei lá, talvez 50, 60, 70, a gente se acostuma por sobrevivência, porque é como se em algum momento lá dentro eu fizesse parte deles mesmo, sabe? É, mas ao mesmo tempo sabendo que não. É estranho isso porque ainda é incômodo, é muito ruim você olhar para o lado, você não ter mulheres, é muito ruim para mim olhar para o lado e não ter pessoas negras, isso para mim é muito pior, é porque falta esse acolhimento, falta essa rede de afeto porque a gente troca esse afeto com pessoas negras, porque a gente se reconhece então olhar para o lado não tem pessoas negras. É ruim olhar para o lado e não tem uma mulher é péssimo. (GONÇALVES, 2023).

Para Duda, o machismo é uma questão sistêmica da sociedade, composta pela dominação dos homens e os colocando em lugares de privilégio, impedindo assim a equidade:

O machismo não acabou e não vai acabar, seja em qualquer ambiente, porque estamos falando de um sistema, de uma estrutura de poder, e de privilégios de uma parcela da população, uma parcela da sociedade que sempre teve privilégios e continuará tendo. A partir desses privilégios, elas terão poder, e esse poder precisa ser exercido em cima de outras pessoas. Então, o machismo é exatamente isso, e ele nunca vai deixar de existir, seja em uma redação ou fora dela, até porque as pessoas trazem isso de fora para dentro, trazem de sua vivência para dentro (GONÇALVES, 2023).

É fato que os ambientes de trabalho devem ser diversificados, pregando a equidade. Segundo Duda a presença da mulher no jornalismo esportivo é uma questão das empresas dos meios de comunicação, assim como a *ESPN*, da qual ela faz parte, ter a prática das políticas de diversidade e inclusão:

Tem uma diversificação maior. Com certeza, até porque a *ESPN* pertence ao grupo Disney e a Disney tem um pilar de diversidade, equidade e inclusão muito grande. E aí, é o que volta na pergunta que você me fez, é um pilar da empresa, é um objetivo, uma missão da empresa. A empresa tem esse pilar, a empresa preza por isso, mulheres em vários cargos, desde a chefia e a editoria-chefe até a produção. Temos mulheres em todos, todos os cargos assim, e é isso, não só mulheres brancas como mulheres negras. Eu tenho produtoras negras, eu tenho ainda que poucas, tá? E aí fica crítica, mas eu não preciso nem dizer, porque é só ligar, você só precisa ligar a televisão. Isso é uma coisa que é óbvio, mas eu tenho produtoras negras, eu tenho mulheres negras, repórteres negras, eu tenho chefes negros em várias posições dentro da

empresa, mas isso é um pilar da Disney. Aqui em Belo Horizonte, por exemplo, das emissoras que eu conheço, das pessoas com as quais eu trabalho, são pouquíssimas, são poucas mulheres nas chefias. São poucas mulheres negras, sabe? É pouco, mas a Disney, por ser uma empresa internacional, por ser, né, por ter esse olhar mesmo pra um problema, ela tenta solucionar esse problema, e eu vim muito para a reportagem em função disso (GONÇALVES, 2023).

Gonçalves também discorre sobre o estereótipo da sexualização da mulher negra que está profundamente enraizada em complexas intersecções de raça, gênero e história, refletindo sistemas de opressão social e cultural. Diversos fatores contribuem para essa realidade segundo a jornalista:

Principalmente quando a gente fala de mulheres de jornalismo esportivo, que é o de sexualização. A gente já tem isso no jornalismo esportivo. A gente já tenta quebrar esse estereótipo de que mulher tem que estar no esporte porque é bonita, não porque entende do esporte. Não porque tem competência para fazer. Por muitos anos, a gente corroborou com isso e ainda corrobora, mesmo que de uma forma menor, com esse discurso de que a mulher tem que ser bonita, a mulher tem que estar ali para servir ao seu público, né? Tem que ser bonita para aparecer ali na tela, para aparecer no vídeo, porque ela tem que agradar o homem que vai assistir ao programa no horário do almoço. Mas quando isso entra pra mulher negra, é um pouco pior, porque a gente já carrega esse estereótipo naturalmente de que a mulher negra ela é sexualizada o tempo inteiro. Então a gente passa por esses estágios de invisibilização, a gente passa por esses estágios de presença incômoda. Depois a gente já vai para um outro passo de sexualização. É muito mais difícil, eu entendo isso hoje, que é muito mais difícil de a gente ter o respeito das pessoas, e é por isso que eu me preocupo tanto com a postura, porque é muito fácil a gente cair nesses estereótipos, é muito fácil a gente ser colocada nesses lugares (GONÇALVES, 2023).

As desigualdades de gênero são ainda mais fortes para Gonçalves, mulher negra, ela diz que o racismo que ela sofre, não acontece devido a sua profissão, mas desde os primórdios de sua vida, mesmo que de maneira implícita:

O racismo é o mesmo, então eu sofria pequena, que incomodava os meus coleguinhas brancos, sofro hoje, sabe, estando em um ambiente branco. Então, é isso, explicitamente, nenhuma das duas coisas, nem machismo, nem racismo. Não sei se agradeço por isso também, mas é implicitamente sim e Acho que todos os dias, porque é isso, a gente tá numa sociedade em que mulheres e negros são, eh, preteridos, são minorias, são vistos como minoria, é impossível a gente não passar por esse julgamento, por esse preconceito, né? (GONÇALVES, 2023).

Acredita-se que as empresas ainda não tenham implementado programas eficazes que permitam às mulheres, especialmente aquelas interessadas em jornalismo esportivo, alcançarem posições de destaque nesse campo. Duda relata que esse assunto ainda gerar demandas na inclusão das mulheres, principalmente as mulheres negras:

Então, esse é um tema sensível porque nós estamos caminhando, é importante que se diga, mas nós estamos caminhando aqui com custo, né? Essa é a verdade. E, nós sempre tivemos mulheres no jornalismo esportivo, ainda que uma, duas, três, não à frente das câmeras. Talvez em uma redação, uma outra ali à frente do jornalismo esportivo nas câmeras, e essa presença vem aumentando há muitos anos. Se a gente considerar os últimos 10 anos, os últimos 20 anos, essa presença aumentou muito, mas ela ainda é majoritariamente branca, de mulheres brancas. Esse é o primeiro ponto. E aí, quando a gente fala de mulheres negras, essa demanda ainda não existe. A demanda de mulheres brancas, ela existe, a gente sempre cobra. ‘Ah, mas as empresas têm que ter mulheres’. E aí, as empresas fazem o quê? Contratam mulheres brancas, porque é o perfil padrão? A gente ainda não começou a falar, olha, temos que ter mulheres negras, na verdade. A gente até começou a fazer, mas ainda é pouco (GONÇALVES, 2023).

A partir dos relatos das jornalistas, é possível destacar a presença estrutural do machismo na sociedade, se manifestando de forma marcante no campo jornalístico, evidenciando a necessidade de avanços significativos. A objetificação da mulher também é discutida pelas profissionais, que entendem o machismo, seja nas vestimentas das mulheres, olhares, ou comentários desnecessários. São discutidas também as desigualdades raciais trazidas por Jordana e Duda, que rebatem o papel da sociedade na permanência do racismo estrutural. Para elas, um dos pontos de desigualdade no jornalismo esportivo são as constantes práticas de racismo e a falta de olhar das empresas em contratar mulheres pretas, não somente as mulheres brancas.

As falas contundentes das profissionais, revelam o machismo nos bastidores da notícia do jornalismo esportivo. Ao mencionar as práticas necessárias para essa mudança, é notória a necessidade de avanços tanto por parte das pessoas que estão inseridas no meio, quanto das organizações, promovendo um ambiente menos preconceituoso e equitativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidencia como o machismo e a desigualdade de gênero ainda são realidades presentes em diversos aspectos da sociedade, incluindo o jornalismo esportivo. Ao longo da pesquisa, foi possível constatar como esses problemas afetam a inserção e a trajetória profissional das mulheres nesse campo, limitando suas oportunidades e reforçando estereótipos prejudiciais. Além disso, observamos que o androcentrismo e a cultura patriarcal contribuem para a perpetuação dessas desigualdades, relegando as mulheres a papéis secundários e subvalorizando suas contribuições.

No entanto, também identificamos sinais de mudança e resistência por parte das mulheres jornalistas esportivas, que enfrentam esses desafios com determinação e buscam ampliar sua representatividade e voz dentro da profissão. Através da conscientização, do diálogo e da promoção de políticas inclusivas, é possível avançar na luta pela igualdade de gênero no jornalismo esportivo e em outras esferas da sociedade.

A análise das entrevistas com Jordana Araújo, Kelen Almeida e Duda Gonçalves revela uma visão unânime entre as profissionais sobre a presença do machismo, da desigualdade de gênero e do sexismo nos bastidores do jornalismo, no contexto esportivo.

A afirmativa inicial sobre o machismo está intrinsecamente ligado aos estereótipos de gênero, contribuindo para a perpetuação de normas sociais que desvalorizam as mulheres, encontra eco nas experiências relatadas. As entrevistas confirmam que as mulheres, ao ingressarem ou permanecerem no jornalismo esportivo, enfrentam obstáculos decorrentes de padrões preestabelecidos que as relega a papéis específicos, muitas vezes de caráter submisso.

A fala de Jordana Araújo ressalta que, apesar dos avanços, o machismo estrutural ainda permeia a comunicação esportiva. A persistência desses padrões é identificada por Kelen Almeida, que relata ter percebido, ao longo de sua carreira de 23 anos no jornalismo esportivo, situações de machismo, especialmente no assédio direcionado às mulheres. Essa constatação sugere a persistência de práticas que objetificam e desvalorizam as profissionais do sexo feminino.

Duda Gonçalves acrescenta uma perspectiva importante ao mencionar que, embora tenha enfrentado machismo de forma implícita, a constante necessidade de se provar superior na profissão revela a persistência de estereótipos de gênero prejudiciais. Essa pressão constante para superar expectativas mais altas apenas por ser mulher demonstra a existência de desafios específicos para as profissionais femininas.

A discussão sobre diversidade nas empresas, como abordado por Duda em relação à *ESPN*, destaca a importância das políticas de inclusão e igualdade de gênero. A visão de Jordana reforça essa necessidade ao apontar que, embora haja mulheres nos espaços, ainda há muito a avançar, especialmente no que diz respeito à representatividade de mulheres negras.

A questão da sexualização da mulher negra é discutida por Gonçalves, que destaca o estigma enfrentado por mulheres negras no jornalismo esportivo. Ela ressalta a necessidade de combater estereótipos que associam a presença da mulher negra no esporte à sua aparência física, em vez de reconhecer sua competência e conhecimento.

A análise das entrevistas apresenta uma visão clara sobre o poder do machismo no contexto do jornalismo esportivo, destacando a forma como as profissionais femininas enfrentam desafios. Algumas observações persistentes nas entrevistas é a perpetuação de normas sociais desvalorizantes, em que é mencionado como o machismo está intrinsecamente ligado aos estereótipos de gênero, contribuindo para a perpetuação de normas sociais que desvalorizam as mulheres. Isso evidencia como as estruturas sociais preexistentes podem influenciar negativamente as experiências das mulheres no jornalismo esportivo. Além disso, as entrevistas destacam os obstáculos enfrentados pelas mulheres no jornalismo esportivo devido a padrões preestabelecidos que as relegam a papéis específicos, muitas vezes de caráter submisso. Isso sugere que o machismo pode limitar as oportunidades e a autonomia das mulheres nesse campo profissional.

Ademais, são discutidas questões de assédio e objetificação direcionado às mulheres no jornalismo esportivo, demonstrando como o machismo pode se manifestar de forma explícita por meio de comportamentos inadequados e desrespeitosos. Além do mais tem-se a pressão pela prova de superioridade: constantemente as mulheres têm a necessidade de se provarem superiores na profissão, evidenciando como o machismo pode criar expectativas mais altas e desafiadoras para as mulheres, dificultando seu progresso profissional.

As declarações das jornalistas abordam vários aspectos do machismo e da desigualdade de gênero no jornalismo esportivo. Destacando a presença do machismo estrutural na sociedade, refletido na subestimação das mulheres e nos obstáculos enfrentados no ambiente de trabalho. Elas também discutem as dificuldades adicionais de um ambiente hostil onde mulheres são frequentemente alvo de ataques e comentários sexistas, destacando a disparidade na reação a comportamentos semelhantes entre homens e mulheres. Além disso, elas reforçam a busca por equidade e representatividade, enfatizando a importância de promover a equidade de gênero e a representatividade das mulheres no jornalismo esportivo. Apesar dos desafios enfrentados, as jornalistas destacam o apoio recebido de sua equipe de trabalho para lidar com questões de

machismo e discriminação. As profissionais também reconhecem a importância de ter respaldo institucional para abordar essas questões de maneira eficaz.

A análise das entrevistas, portanto, revela um panorama desafiador e reforça a importância de medidas concretas para combater o machismo, o sexismo e a objetificação das mulheres no jornalismo esportivo. Essa reflexão aprofundada destaca a complexidade do problema e a necessidade de mudanças estruturais na busca por igualdade de gênero e raça.

Portanto, conclui-se que é fundamental continuar combatendo o machismo e trabalhando pela equidade de gênero, não apenas no jornalismo esportivo, mas em todas as áreas. Somente através de esforços coletivos e políticas efetivas de combate à discriminação de gênero será possível alcançar uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, L. **Desigualdades de Gênero e Raça no Mercado de Trabalho Brasileiro**. Cienc. Cult., São Paulo, v.58, n.4, p. 2006.

ABRAMO, L. **Perspectiva de Gênero e Raça nas políticas públicas**. Ipea, Mercado de trabalho, 2004.

ABREU, M. Copa masculina tem que deixar legado para as mulheres do Catar, diz Ana Thaís Matos. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/tv-e-series/noticia/2022/11/23/copa-masculina-tem-que-deixar-legado-para-as-mulheres-do-catar-diz-ana-thais-matos.ghtml>>. Acesso em: 11 de ja. 2024

ALMEIDA, K. **Entrevista pessoal**. Google Meet. Ana Domingos. 06 de novembro de 2023.

AMORIM, M. **Estereótipos de gênero e atitudes sobre a sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros**. Temas psicológicos. Rio de Janeiro, vol.5, n.3, 1997.

ARAÚJO, J. **Entrevista pessoal**. Google Meet. Ana Domingos. 23 de outubro de 2023.

BARROS, R; FRANCO; MENDONÇA, R. **Discriminação e segmentação no mercado de trabalho e desigualdade de renda no Brasil**. Rio de Janeiro, julho de 2007.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, 2022.

BRUSCHINI, C; LOMBARDI, M. **A Bipolaridade do Trabalho Feminino no Brasil: O Emprego Doméstico e as “Novas” Ocupações**. Mulher e Ocupação, 1999.

CARDOSO, P, et al. **Patriarcado e machismo enraizado na sociedade: uma revisão bibliográfica**. Revista Eletrônica Interdisciplinar Barra do Garças – MT, Brasil, v. 15, n. 1, 2023.

CARVALHO, A. et. al. **Feminicídio como reflexo da cultura de objetificação e dominação da mulher**. Revista Relicário. v. 7 n. 13. Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46731/RELICARIO-v7n13-2020-156>

CNN BRASIL. Cada vez mais empresas investem em áreas exclusivas de diversidade e inclusão. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/cada-vez-mais-empresas-investem-em-areas-exclusivas-de-diversidade-e-inclusao/> . Acesso em: 03 de novembro de 2023.

Conselho Nacional Do Ministério Público. **Assédio moral e sexual: previna-se**. Brasília: CNMP, 2016. 28 p. il. Disponível em: <<https://www.mpf.mp.br/sc/arquivos/cartilha-assedio>>. Acesso em 11 de janeiro de 2024.

COTRIM, L; TEIXEIRA, M; PRONI, M. **Desigualdade de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil**. 2020.

CRENSHAW, K. **A interseccionalidade na discriminação de Raça e Gênero**. Revista Estudos Feministas, vol. 10, n. 1, 2002.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça & Classe**. São Paulo. Boitempo Editorial. 1981.

DRUMONT, M, P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas. São Paulo, 3: 81-85, 1980.

DUARTE, G.; SPINELLI, L. M. **Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada**. Revista Sociais e Humanas, [S. l.], v. 32, n. 2, 2019. DOI: 10.5902/2317175836316. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/36316> . Acesso em: 12 dez. 2023.

FOLHA DE S.PAULO. Assediada ao vivo com beijo de torcedor, repórter faz desabafo em rede social. 2018. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2018/03/assediada-ao-vivo-com-beijo-de-torcedor-reporter-faz-desabafo-em-rede-social.shtml>>. Acesso em: 11 de jan. 2024.

GAUCHAZH. K. jornalista do Grupo Globo: "O racismo vai se renovando, mudando de roupa". Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2021/11/karine-alves-jornalista-do-grupo-globo-o-racismo-vai-se-renovando-mudando-de-roupa-ckw5di7m900at016fxrmchubn.html>>. Acesso em: 10 de ja. 2024

GLOBO. Compromissos. Disponível em: <https://somos.globo.com/esg/pt/noticia/compromissos-2.ghtml> Acesso em: 01 de novembro de 2023.

GLOBO ESPORTE. 'Deixe ela trabalhar': jornalistas lançam manifesto em defesa do trabalho das mulheres no esporte. 2024. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml>>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

GLOSS, H. Globo é condenada a pagar indenização milionária por sexismo para Carina Pereira, ex-apresentadora do Globo Esporte. Disponível em: <<https://hugogloss.uol.com.br/tv/globo-e-condenada-a-pagar-indenizacao-milionaria-por-sexismo-para-carina-pereira-ex-apresentadora-do-globo-esporte-saiba-detalhes/>>. Acesso em: 05 de ja. 2024

GONÇALVES, D. **Entrevista pessoal**. Google Meet. Ana Domingos. 07 de novembro de 2023.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino, n. 1, p. 12-20, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um.

G1. Repórter demitida pela Globo elogia emissora, mas relembra casos de racismo. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/11/22/reporter-demitida-pela-globo-elogia-emissora-mas-relembra-casos-de-racismo.htm>>. Acesso em: 10 de ja. 2024

LONGUINHO, D. **A Prática Do “Diálogo Possível”: Análise Da Narrativa Jornalística Em Entrevistas**. Universidade de Brasília. Pós-Graduação, Brasília, 2014.

MADALOZZO, R; MARTINS, S; SHIRATORI, L. **Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?** Revista, 2010.

MARIE CLAIRE. Mariana Becker relembra machismo no início da carreira: ‘Os homens se sentiam à vontade de se insinuar para você’. Disponível em <https://revistamarieclaire.globo.com/esporte/noticia/2023/07/mariana-becker-relembra-machismo-no-inicio-da-carreira-os-homens-se-sentiam-a-vontade-de-se-insinuar-para-voce.ghtml> > Acesso em 31 de jul. 2023

MARIE CLAIRE. 'Me sinto machucada', diz jornalista esportiva que sofreu assédio ao vivo. 2021. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Feminismo/Assedio/noticia/2021/12/me-sinto-machucada-diz-jornalista-esportiva-que-sofreu-assedio-ao-vivo.html>>. Acesso em: 10 de jan. 2024.

MEIRELLES, R. **Sexismo no jornalismo esportivo: como as mulheres jornalistas vivenciam e lidam com a cultura patriarcal organizacional do esporte**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

MINAYO, M. Laços perigosos entre machismo e violência. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100005> Acesso em: 11 dez. 2023.

NASCIMENTO, B. **Uma História Feita Por Mão Negras: Relações Raciais, quilombos e movimentos**. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 1974

NASSAR, R. **O assédio no jornalismo esportivo: o cotidiano das jornalistas e o machismo praticado pela imprensa**. 2018. Dissertação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Graduação em Jornalismo, Juiz de Fora,

NÓBREGA, M. **Eficácia do direito da mulher no mercado empregatício e o paradoxo das normas constitucionais programáticas**. 2019. Dissertação (Bacharelado em Direito) - Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), João Pessoa.

PONCIANO, J. V. **Freud e a misoginia**. Eleuthería - Revista do Curso de Filosofia da UFMS, v. 7, n. 13, p. 165 - 177, 30 set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.55028/eleu.v7i13.15683> Acesso em: 11 dez. 2023.

PEREIRA, C. Vídeo. Belo Horizonte. 12 de jan. de 2021. Instagram: <https://www.instagram.com/tv/CJ9qjvjBb-h/?igsh=Nzdud2tudnFiMWd1>> Acesso em: 05 de ja. 2024

PEREIRA, S; SANTOS, A; BORGES, W. **A mulher no mercado de trabalho**. Pós-graduação. São Luís, 2005.

PEREIRA, D. A., & RITTER, E. . **A Inserção das Mulheres no Jornalismo Esportivo: Análise do Movimento #DeixaElaTrabalhar através dos Sites Globo Esporte e El País**. Universidade Federal de Santa Maria. (2019)

PONTES, F. **Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras**. 2017

PROBST, E. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Pós-graduação. Santa Catarina. 2003

ROCHA, P. e SOUSA, J. **O mercado de trabalho feminino em jornalismo: análise comparativa entre Portugal e Brasil**. 2011.

ROSA, I. **Raça e gênero nas formações discursivas sobre a identidade profissional de jornalistas**. Brasília, 2014.

ROUCHOU, J. **ENTREVISTA NA HISTÓRIA ORAL E NO JORNALISMO**. Fundação Casa de Rui Barbosa/UniverCidade. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003

SANCHOTENE, C.; PEDROZO, M.; CABRAL ZUCOLO, R. **A mulher negra na TV e no telejornalismo gaúcho: percepções sobre gênero, raça e profissão**. *Emancipação*, v. 18, n. 2, p. 422–436, 2018. DOI: 10.5212/Emancipacao.v.182.0013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/10033>. Acesso em: 4 de novembro de 2023.

SANTOS, L. **Interseccionalidade no jornalismo: potencialidades do jornalismo com perspectiva de gênero**. 2022.

SOARES, S; IZAKI, S. **A participação feminina no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro, 2002.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS (TJDFT). "IMPORTUNAÇÃO SEXUAL." <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/importunacao-sexual#:~:text=Lei%20n%C2%BA%2013.718%2C%20que%20entrou,cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20artigo%20215%2DA>>. Acesso em: 11 de jan. 2024

Tribunal Superior do Trabalho (TST). Justiça do Trabalho recebe mensalmente cerca de seis mil ações por assédio moral. Disponível em: <<https://www.tst.jus.br/-/justi%C3%A7a-do-trabalho-recebe-mensalmente-cerca-de-seis-mil-a%C3%A7%C3%B5es-por-ass%C3%A9dio-moral%C2%A0>>. Acesso em: 15 de jan. 2024

VEIGA, M. **Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo - Estudos em Jornalismo e Mídia***, Vol. 9 No 2, Julho a Dezembro de 2012.

VEIGA, M. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção da notícia**. Porto Alegre, 2010. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VIDI, T; TEIXEIRA, P. **A MULHER COMO OBJETO DE CONSUMO: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO DA OBJETIFICAÇÃO FEMININA COM OS INDICATIVOS DE FEMINICÍDIO NO BRASIL**. *Rev. Fac. Direito São Bernardo do Campo*, v. 28, n.2 - 2022. São Bernardo do Campo.

ANEXOS

Roteiro de perguntas para Jordana Araújo

- 1.** Como você percebe a questão do preconceito enraizado no jornalismo esportivo? Quais são os principais desafios enfrentados por você nesse ambiente?
- 2.** No seu ambiente de trabalho, há uma diversificação de gênero ou é majoritariamente masculinizado? Como essa dinâmica afeta o trabalho das mulheres no setor?
- 3.** Já enfrentou alguma situação de preconceito de gênero no exercício de suas funções? Como lidou com essas situações?
- 4.** Poderia compartilhar algumas de suas experiências em um ambiente profissional tão masculinizado como o jornalismo esportivo?
- 5.** Houve momentos em que se sentiu prejudicada ou desvalorizada por conta do gênero?
- 6.** Você acredita que há estereótipos de gênero que ainda influenciam o tratamento e as oportunidades oferecidas às repórteres esportivas?
- 7.** Descreva um pouco sobre o ambiente em que trabalha atualmente. Você sente que tem voz e que suas opiniões são levadas em consideração?
- 8.** Na televisão, vemos jornalistas com “rostinho bonito” apresentando programas esportivos. Como você vê essa representação das mulheres nesse contexto? Ela influencia a percepção sobre as habilidades e competências das jornalistas na área esportiva?
- 9.** Em sua visão, quais são as medidas práticas que as empresas podem tomar para garantir uma carreira jornalística bem-sucedida e satisfatória para as mulheres que escolhem seguir essa área profissional?
- 10.** Qual é a sua opinião sobre o cenário atual das redações de jornais no Brasil em relação à presença das mulheres?
- 11.** A maternidade é um fator crítico da sua profissão? Como ela afeta sua carreira e como a empresa que você trabalha lida com isso?
- 12.** Qual mensagem você gostaria de enviar para outras mulheres que desejam seguir a carreira de jornalista esportiva, mas podem se sentir inseguras ou desencorajadas devido às expectativas de gênero?
- 13.** Como é ser uma mulher negra no jornalismo esportivo?

Roteiro de perguntas para Kelen Almeida

- 1.** Como você percebe a questão do preconceito enraizado no jornalismo esportivo? Quais são os principais desafios enfrentados por você nesse ambiente?
- 2.** No seu ambiente de trabalho, há uma diversificação de gênero ou é majoritariamente masculinizado? Como essa dinâmica afeta o trabalho das mulheres no setor?
- 3.** Já enfrentou alguma situação de preconceito de gênero no exercício de suas funções? Como lidou com essas situações?
- 4.** Poderia compartilhar algumas de suas experiências em um ambiente profissional tão masculinizado como o jornalismo esportivo?
- 5.** Houve momentos em que se sentiu prejudicada ou desvalorizada por conta do gênero?
- 6.** Você acredita que há estereótipos de gênero que ainda influenciam o tratamento e as oportunidades oferecidas às repórteres esportivas?
- 7.** Descreva um pouco sobre o ambiente em que trabalha atualmente. Você sente que tem voz e que suas opiniões são levadas em consideração?
- 8.** Já ocupam cargos de chefia no seu ambiente de trabalho? Se sim, como você avalia o tratamento que foi dado a você?
- 9.** Na televisão, vemos jornalistas com “rostinho bonito” apresentando programas esportivos. Como você vê essa representação das mulheres nesse contexto? Ela influencia a percepção sobre as habilidades e competências das jornalistas na área esportiva?
- 10.** Em sua visão, quais são as medidas práticas que as empresas podem tomar para garantir uma carreira jornalística bem-sucedida e satisfatória para as mulheres que escolhem seguir essa área profissional?
- 11.** Qual é a sua opinião sobre o cenário atual das redações de jornais no Brasil em relação à presença das mulheres?
- 12.** Qual mensagem você gostaria de enviar para outras mulheres que desejam seguir a carreira de jornalista esportiva, mas podem se sentir inseguras ou desencorajadas devido às expectativas de gênero?

Roteiro de perguntas para Duda Gonçalves

- 1.** Como você percebe a questão do preconceito enraizado no jornalismo esportivo? Quais são os principais desafios enfrentados por você nesse ambiente?
- 2.** No seu ambiente de trabalho, há uma diversificação de gênero ou é majoritariamente masculinizado? Como essa dinâmica afeta o trabalho das mulheres no setor?
- 3.** Já enfrentou alguma situação de preconceito de gênero no exercício de suas funções? Como lidou com essas situações?
- 4.** Poderia compartilhar algumas de suas experiências em um ambiente profissional tão masculinizado como o jornalismo esportivo?
- 5.** Houve momentos em que se sentiu prejudicada ou desvalorizada por conta do gênero?
- 6.** Você acredita que há estereótipos de gênero que ainda influenciam o tratamento e as oportunidades oferecidas às repórteres esportivas?
- 7.** Descreva um pouco sobre o ambiente em que trabalha atualmente. Você sente que tem voz e que suas opiniões são levadas em consideração?
- 8.** Na televisão, vemos jornalistas com “rostinho bonito” apresentando programas esportivos. Como você vê essa representação das mulheres nesse contexto? Ela influencia a percepção sobre as habilidades e competências das jornalistas na área esportiva?
- 9.** Em sua visão, quais são as medidas práticas que as empresas podem tomar para garantir uma carreira jornalística bem-sucedida e satisfatória para as mulheres que escolhem seguir essa área profissional?
- 10.** Qual é a sua opinião sobre o cenário atual das redações de jornais no Brasil em relação à presença das mulheres?
- 11.** Qual mensagem você gostaria de enviar para outras mulheres que desejam seguir a carreira de jornalista esportiva, mas podem se sentir inseguras ou desencorajadas devido às expectativas de gênero?
- 12.** Como é ser uma mulher negra no jornalismo esportivo?